

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BREVES NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL.

ALVES, José Maria Gomes

Ano: 1979 | Número: 89

Como citar este documento:

ALVES, José Maria Gomes, Breves notícias da actividade cultural. *Revista de Guimarães*, 89 Jan.-Dez. 1979, p. 333-432.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Breves Notícias da Actividade Cultural

Por JOSÉ MARIA GOMES ALVES

A FESTA DO 9 DE MARÇO — Homenagem a Martins Sarmento

Na forma tradicional e em conformidade com o programa que se integrou no ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA, realizou-se a FESTA DO 9 DE MARÇO, que decorreu com muito brilho e numerosa assistência, destacando-se entre esta o Secretário Geral do Governo Civil, que representava o Chefe do Distrito; o Presidente da Câmara Municipal, o Rev.^{mo} D. Prior da Colegiada, o Adjunto do Director Escolar, Director da Escola do Magistério Primário de Guimarães, Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Comandante da P. S. P., representante do Rotary Club de Guimarães, Directores da Sociedade Martins Sarmento, etc.

Regista-se o Programa:

- Sessão Solene
- Entrega de Prémios
- Exibição Musical pelo Grupo Infantil da Sociedade Musical de Guimarães
- Exibição Folclórica pelo Grupo Infantil da Casa do Povo de Fermentões — Guimarães
- Confraternização Infantil nos Jardins e Claustro com Lanche.

A Sessão solene, que se iniciou às 15 horas, foi presidida pelo Ex.^{mo} Governador Civil, que de imediato deu

a palavra ao Presidente da Sociedade Martins Sarmento, que disse:

Ex.mo Senhor Governador Civil

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal

Ex.mo e Reverendíssimo D. Prior da Colegiada de Guimarães

Ex.mas Autoridades

*Ex.mos Senhores representantes das Associações Convidadas
Minhas Senhoras e meus Senhores*

Faz hoje 146 anos que nasceu Martins Sarmento! Homem de ciência, arqueólogo, etnólogo de amplos conhecimentos e vastíssima erudição!

Dedicado a problemas complicados, indecifráveis no seu tempo, daqueles que só uma inteligência superior se permite abordar e são inacessíveis à maioria das pessoas de cultura mediana.

Parece assim que esta Festa, consagrada a este brilhante Homem de Ciência, deveria ter uma forma diferente, deveria, naturalmente, realçar as virtudes da elevação do espírito, a profundidade do conhecimento, em suma o saber de ciência feito.

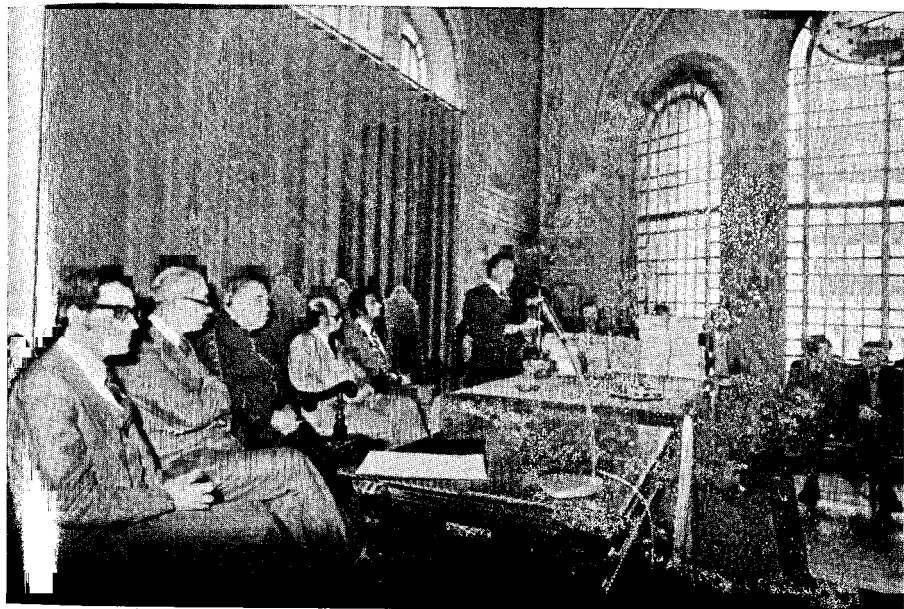
Porque razão insistimos em homenagear Sarmento com esta Festa quase inteiramente dedicada às crianças?

A razão é fácil de compreender.

É que elas, as crianças estão na linha primeira do nosso pensamento e das nossas preocupações e ainda porque temos de manter uma bela tradição, que vem do início desta colectividade, fundada há 97 anos, tradição que não queremos quebrar e entendo que, pertinazmente, devemos manter.

É assim uma Festa puramente simbólica, um hino ao saber, ao desenvolvimento da inteligência e à educação, logo desde o momento em que o cérebro começa a ter luz, a luz hesitante da criança na compreensão do mundo que a rodeia.

É, pois, dentro destas linhas gerais de procedimento que diríamos consuetudinário que esta Festa se vai realizar, sem contudo deixarmos de afirmar quanto devemos a Martins Sarmento quanto é profunda e grande a nossa gratidão.



Abertura da Sessão com o discurso do Presidente da Sociedade Martins Sarmento
Sr. Eng.º José Maria Gomes Alves

O seu espírito iluminado paira sobre esta Casa, sobre todos nós, impelindo-nos muito justamente a lembrar a sua figura de grande Vimaranesense pela obra magnífica e duradoura que nos deixou.

Posto isto que, muito singelamente, condensa e explica os objectivos desta confraternização, seja-me permitido formular alguns juízos sobre o que pretende ser, o que pretende oferecer, no momento que passa esta velha Instituição.

É verdade que os seus estatutos consagram um lema. O lema de ser a «promotora da instrução popular».

Instrução popular e não cultura popular, diz o texto.

É certo que neste momento a missão que inicialmente se propunha está ultrapassada! Isto é um facto e não só o sente e não o vê, claramente, quem não quer.

Promover por todos os meios legais a criação de escolas ou institutos de instrução popular, quer primários quer secundários, quer profissionais, já não pode ser missão desta Casa, face à evolução dos tempos em que estas acções passaram a constituir meios de acesso a direitos consignados na própria lei do país.

E ainda bem, porque a Sociedade Martins Sarmento floresceu de forma admirável, estendeu as suas funções a outras actividades, igualmente de carácter educativo e cultural, distinguindo-se de forma notável no campo científico.

Criou-se e enriqueceu-se este notabilíssimo Museu! Museu cuja secção de Arqueologia, pelo seu conteúdo e a sua remodelada exposição, pode ser considerado o melhor e mais variado Museu de Arqueologia do País, até porque, o Museu Nacional, da invocação do não menos célebre Homem de Ciência, que foi Leite de Vasconcelos, está fechado e muito lamentavelmente não se sabe ainda quando abrirá.

Criou-se e enriqueceu-se esta Biblioteca, ultimamente beneficiada com mais um riquíssimo legado, o do grande escritor e Amigo desta Casa e de Guimarães, que foi Raul Brandão. São mais de 60.000 volumes, onde as obras raras e únicas do País abundam e onde uma valiosa colecção de gravuras é elemento extraordinário de admiração, como recentemente foi reconhecido pelo Director da Secção de Belas Artes da Fundação Gulbenkian.

Criou-se uma prestigiosa Revista de cultura, a

«Revista de Guimarães», apreciada e disputada em Portugal e no Estrangeiro, que já vai no seu octogésimo oitavo volume com 95 anos de existência, com inúmeros volumes esgotados, a servir de base a estudos universitários nas nossas Faculdades de Letras.

Construiu-se e animou-se com uma actividade diversificada ao serviço da Cidade e Concelho este belo edifício que é orgulho da nossa Sociedade e de Guimarães.

Etc. etc. e se Deus quizer e da parte dos Organismos Superiores do Estado e das Autarquias Distritais e Municipais, houver como aliás tem havido, em maior ou menor grau, a mesma compreensão e espírito de ajuda, tudo o que está feito e consolidou o seu prestígio, será continuado, persistentemente, com o mesmo entusiasmo, com a mesma determinação dos nossos ilustres antecessores, a quem temos, muito reverentemente, de render as nossas homenagens.

Senhor Governador Civil

Senhor Presidente da Câmara Municipal

Vão para V. Ex.^{as}, em nome desta Colectividade as mais gratas saudações e agradecimentos por mais uma vez se terem dignado assistir a esta Sessão Solene.

E é nesta altura que aproveitando o ensejo da vossa presença, que me proponho fazer novo apelo de colaboração e apoio para a satisfação de algumas das nossas aspirações mais recentes.

A criação do novo *Instituto de Humanidades*, tarefa que temos em mão e à qual dedicamos a nossa maior atenção porque sabemos vir a ter as mais profundas repercussões no desenvolvimento futuro da vida cultural vimezanense e nas massas escolares que nos seguirão;

A criação do *Museu Monográfico da Citânia e do Castro de Sabroso*, obra da maior importância científica, já aprovada, sem quaisquer restrições por todos os organismos e entidades ligadas a este sector;

A remodelação e instalação da *Secção de Numismática do Museu de Arqueologia*, para a qual conseguimos elevadas quantias e no qual vamos apresentar, pela primeira vez ao público uma das colecções mais importantes do País — a

colecção do numismata, nosso consócio e grande amigo, Dr. José de Barros.

E ainda aquele apoio que é indispensável e que confiadamente esperamos obter, para a realização do nosso programa que remata o Ano Jubilar das Comemorações dos 850 Anos da Batalha de S. Mamede, em que sobressai, pela importância e expansão que vai ter, o *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Será um acontecimento de carácter internacional, do maior relevo e projecção no País e no Estrangeiro, a julgar pelas inscrições de nacionais e estrangeiros, em número e qualidade que excedeu as nossas previsões mais optimistas.

E também a programada *Exposição do pintor Vimaranesense José de Guimarães* que tem já assegurada a colaboração da Secretaria de Estado da Cultura e da Benemérita Fundação Gulbenkian.

Dentro de dias inauguraremos uma extraordinária *Exposição*, organizada por aquela Fundação e denominada «*A Talha em Portugal*». Estamos certos que constituirá igualmente um acontecimento do maior interesse cultural e será uma achega muito válida no propósito que estamos empenhados de procurar consciencializar as populações no sentido da conservação e valorização do nosso tão valioso quanto degradado património cultural e artístico.

Muito mais haveria a dizer sobre o que tem sido a nossa acção e do que são os nossos variados projectos, entre os quais se contam outras exposições, conferências, campanhas de escavações, grupos de trabalho, enfim, um sem número de intervenções dos vários domínios da acção cultural; mas este discurso, já vai longo e necessário se torna entrar noutro assunto.

Esse assunto vai expresso na palavra singela que queremos dirigir à assembleia a propósito da criação e desta iniciativa de nos associarmos à declarada e belíssima intenção das Nações Unidas ao promover o *ano internacional da criança*.

Ocorre imediatamente a pergunta, agora e aqui nesta Casa.

A criança merece ou não esta nossa especial atenção?

Temos ou não obrigação de a chamar, mais frequentemente à primeira linha dos nossos pensamentos?

A resposta é naturalmente afirmativa.

A criança merece indubitavelmente a nossa melhor

e mais atenta preocupação e tudo aquilo que possamos fazer por ela são outros tantos pontos a juntar ao somatório da sua felicidade, felicidade que fatalmente, depende apenas de nós e só nós os adultos.

Esta Festa, minhas senhoras e meus senhores, é prova evidente do carinho e amor que lhes dedicamos. É o nosso testemunho, é a nossa participação muito sincera.

Mas que pensa a criança de nós próprios, os adultos?

Que pensam do meio e condições que lhes proporcionamos?

Que juízo faz a criança dos nossos desvarios? Dos nossos egoísmos?

Da nossa indiferença?

Estaremos de facto e de alma aberta, dispostos a reflectir, com serenidade e bonomia, sobre os caminhos, as direcções mais justas a oferecer ao passo vacilante da criança?

Teremos de continuar a assistir à fome, à doença, à miséria, às más palavras, ao abandono, em suma à postergação dos sagrados direitos das crianças com mais incidência naquelas que não têm pais, não têm abrigo e desconhecem por completo o seu futuro.

Não e não. Recusamo-nos peremptoriamente a aceitar isto.

Trabalhamos contra este estado de coisas e estamos dispostos a oferecer-vos a nossa quota parte no esforço que é urgente e necessário fazer por vós crianças mais desprotegidas desta Terra.

Alimentamos, pois, as vozes daqueles, como os responsáveis das Nações Unidas, dizendo alto e bom som: Basta! Basta! de tanta indiferença!

Como já disse, continuando esta linda tradição, damos-lhes o testemunho a prova simples da nossa disposição a seu favor, dedicando-lhe esta Festa.

Festa que gostaríamos que fosse muito alegre, muito animada de semblantes risinhos, mas ao mesmo tempo séria quando receberdes os prémios do vosso trabalho, da vossa dignidade e honestidade de estudantes, o prémio da vossa leal participação nesta sociedade, e ainda mal compreendeis, mas que terá de ser a do vosso futuro, quer queirais quer não.

Queridos e pequenos amigos:

Vou terminar, mas antes disso quero envolver num

abraço fraterno e cheio de juventude as pessoas dos vossos distintos professores e dizer-lhes quanto nos apraz pelos êxitos obtidos em vós, pelo seu esforço nobre e difícil dessa missão tão sublime que é a sua.

Em especial destaco a Senhora Professora D. Helena de Campos Carneiro que conseguiu os melhores resultados escolares do ano transacto, revelando assim uma competência pedagógica invulgar, digna do nosso maior elogio.

Finalmente às crianças premiadas e a seus pais igualmente dirijo uma palavra de sinceros parabéns, fazendo votos para que os estudantes que aqui hoje vieram receber a justa compensação do seu trabalho, se lembrem sempre deste dia, pela vida fora e venham a ser cidadãos exemplares desta Pátria que é a nossa e que tanto amamos.

*

Vai seguir-se uma exibição musical pelo grupo infantil da escola de Música de Guimarães, sobre a direcção da distinta Professora D. Norma Silva.

Para V. Ex.^a minha Senhora e para a direcção da Escola de Música vão os nossos melhores agradecimentos pela vossa preciosa colaboração. Reafirmamos-lhes o nosso maior interesse em fazermos prolongar as formas de colaboração agora inciados, ao serviço dessa arte tão interessante que é a Música.

Depois faremos a habitual e tradicional entrega de prémios escolares, a cargo do meu colega de Direcção Dr. José Alberto Faria. Aqui fica também uma palavra de agradecimento a todas as pessoas e em especial aos excelentíssimos professores pela ajuda que nos deram nesta parte do programa.

Temos de informar que o prémio, que por nossa sugestão, em moldes um pouco diferentes, foi instituído pela Câmara Municipal, infelizmente, não mereceu o interesse dos nossos estudantes. O concurso ficou deserto. Destinava-se a galardoar o melhor trabalho de composição escrita a apresentar por um aluno do ensino secundário, sobre o tema Guimarães e a sua Região. Este malogro,

em nosso entender, deverá constituir assunto a ponderar e possivelmente a rever por parte da Ex.^{ma} edilidade.

Depois far-se-á a visita guiada aos Museus, na qual os premiados e professores serão acompanhados por outro membro da Direcção desta Casa, o Senhor Salgado Guimarães que lhes prestará os esclarecimentos indispensáveis. Chamo à atenção para este número que considero da maior importância para vós visto pelo que pode constituir uma bellissima lição de História sobre as nossas mais remotas origens.

Acabada esta visita haverá um fim de Festa nos Jardins e Claustro com uma exhibição muito alegre e de todo interessante pelo grupo folclórico e infantil da Casa do Povo de Fermentões, a quem agradecemos a deferência pronta de concorrerem para o brilho desta Festa.

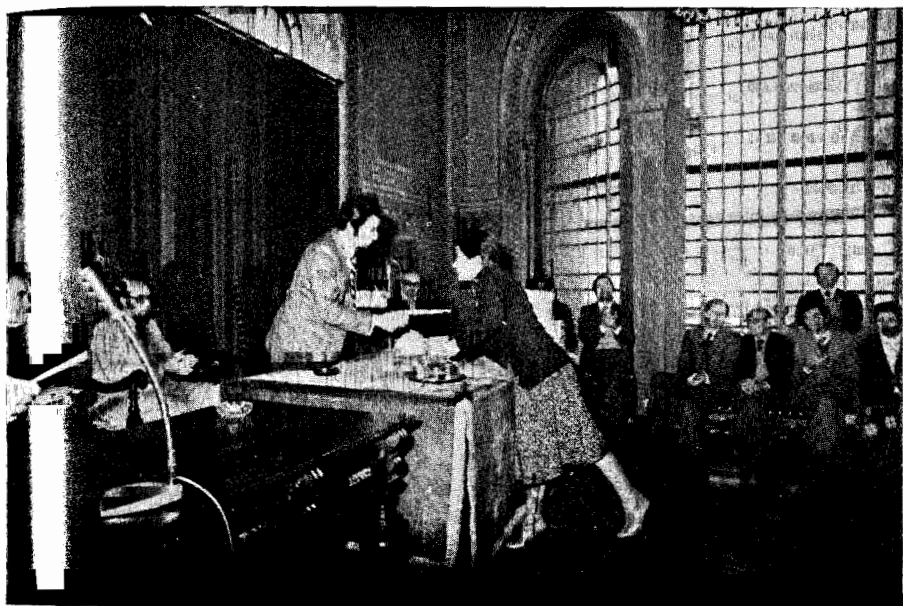
Durante a exhibição far-se-á a distribuição aos alunos premiados de um pequeno lanche, restituindo-se à Festa mais este número da melhor tradição.

É justo também que se diga que o vosso prémio em livros só foi possível pela ajuda financeira da Direcção Geral do Património Cultural, que desde há alguns anos a esta parte tem manifestado a melhor compreensão para com os problemas desta Casa, o que não posso deixar de realçar aqui e agradecer. Juntamente com o livro vai uma senha ou cartão que dá direito à participação no lanche. Posto isto vamos prosseguir o programa com a exhibição do grupo infantil da Sociedade Musical de Guimarães.

Para fecho da Sessão proferiram ainda palavras alusivas ao acto os Ex.^{mos} Senhores Presidente da Câmara e o Ex.^{mo} Governador Civil.

Seguiu-se a entrega de prémios, que passamos a discriminar:

Prémio «*Governo Civil*» e «*Sociedade Martins Sarmento*» — À professora D. Helena de Campos Carneiro, da Escola Primária de Ronfe, que maior número de alunos apresentou a exame de 4.^a classe com aprovação em 1979; Prémio «*Alberto Braga*» — Ao aluno do Liceu Nacional de Guimarães, que maior classificação obteve no 5.^o ano e frequenta presentemente o 10.^o (antigo 6.^o ano) João Antero Lopes Ferreira, Prémio «*Francisco da Silva Pereira Martins*» — Ao aluno do Curso Complementar de Mecanotécnica José de Oliveira Alves Duarte; Prémio «*8.^o Centenário da Fundação de Portugal*» — Ao aluno finalista do Curso Geral de Administração e



O Senhor Governador Civil do Distrito entrega o prémio à Professora D. Margarida Pinheiro Pereira, da Escola Mista de St.^a Marinha da Costa-Penha

Comércio da Escola Secundária de Guimarães, José Fernando Vieira Cardoso; Prémio «*Bernardino Jordão*» — À aluna do Lar de St.^a Estefânia, Maria José Barros Pinto da Cunha; Prémio «*João de Melo e Esposas*» — À aluna do Lar de St.^a Estefânia, Beatriz de Jesus Fernandes Raimundo; Prémio *Francisco Fernandes Guimarães* — À aluna da Escola Masculina de Urgêses, Carlos Sameiro de Castro Oliveira; Prémio «*Francisco dos Santos Guimarães*» — À aluna da Escola Feminina de Urgêses, Maria Helena de Freitas Abreu; Prémio «*Sócios Beneméritos da Sociedade Martins Sarmento*» — Ao aluno do Centro Juvenil de S. José (Secção de Tipografia), Francisco Luís Pinheiro Leite; Prémio «*Simão Costa*» — Ao aluno da Escola n.º 1 de Guimarães, César Analide da C. Silva Rodrigues; Prémio «*Zeferino Cardoso*» — Ao aluno da Escola Mista de Pinheiro — Avelino Martins de Araújo; Prémio «*Francisco Ribeiro de Castro*» — Aos alunos da Escola Preparatória Prof. João de Meira de (Guimarães), João Paulo da Silva Gonçalves e Graça Maria Barbosa Soares; Prémio «*Rotary Clube de Guimarães*» — Aos alunos da Escola Preparatória «Carlos Malheiro Dias» de S. Torcato — Guimarães, Manuel José Martins da Cunha Fernandes e Helena Maria Novais de Freitas; Prémio «*Livraria Raúl Brandão*» — Aos alunos da Escola Preparatória Raul Brandão (Caldas das Taipas), Victor António Sá Martins dos Santos e Maria Manuela Lima Leite; Prémio «*Livraria L. Oliveira & C.^a Ld.^a*» — Aos alunos da Escola Preparatória Pereira Caldas (Caldas de Vizela), José Basílio Portas Salgado Simões e Alzira Augusta Pacheco de Sousa.

MOVIMENTO PARA A DEFESA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DE GUIMARÃES

No intuito de procurar encontrar novas formas de consciencialização da população e alertar os poderes públicos para o eminente problema que é o da necessidade de conservar e valorizar o riquíssimo património cultural e artístico do concelho, em vias de degradação, a Sociedade Martins Sarmento encabeçou um Movimento dirigido a todas as pessoas e Instituições porventura interessadas em oferecer a sua colaboração.

A primeira reunião foi convocada para o dia 9 de Janeiro de 1979, vindo a realizar-se nessa data, com razoável afluência de intervenientes a título pessoal e em representação das mais importantes Instituições vimaranenses.

Regista-se o teor das conclusões deste primeiro encontro.

«Um grupo de Associações, e Instituições vimaranenses e pessoas radicadas na Cidade, muito interessadas em oferecer o seu contributo para a defesa e valorização do Património Cultural e Artístico da Cidade e Concelho, que consideram altamente ameaçado, reunidas na Sociedade Martins Sarmento, promotora desta reunião, em 9 de Janeiro corrente, propõem-se desde já reunir esforços e iniciar uma campanha pública, tão vasta quanto possível no sentido de:

— Estudar e inventariar, o mais minuciosamente possível, todo o Património Cultural e Artístico do Concelho, começando pelo mais ameaçado, dando conhecimento público das conclusões a que se for chegando;

— Contribuir para uma maior e mais urgente consciencialização das populações para a importância destes valores, promovendo encontros e conferências directamente relacionadas com este assunto;

Intervir decididamente em todos os actos que possam provocar a degradação do referido património, usando todos os meios que lhe for possível desde a participação às autoridades competentes até à utilização da Imprensa, para o que se pede desde já o indispensável apoio;

— Promover formas de expansão e adesão do maior número de Instituições e pessoas a esta campanha a fim de a tornar o mais actuante e ampla possível, tendo ficado desde logo estabelecido que se realizaria nova reunião, em princípios do mês de Fevereiro, em data a designar para estudar os primeiros esquemas de acção concreta».

Estas conclusões foram transmitidas à Câmara Municipal e difundidas pela Imprensa local e diária do Porto.

Entretanto por ofício de 23 de Janeiro a Academia Nacional de Belas Artes, dá conhecimento aos responsáveis do Movimento do seguinte:

Permito-me chamar a atenção de V. Ex.^a para que a Portaria 80/78 da Secretaria de Estado da Cultura publicada no Diário da República, 1.^a série, n.º 34, de 10 de Fevereiro de 1978, diz no seu artigo 27.º: A Academia Nacional de Belas-Artes organizará todos os anos o seu orçamento, do qual constarão as despesas com o inventário artístico de Portugal, que esta Academia vem trabalhando no Inventário Artístico desde 1939, que já publicou 10 tomos contendo o Inventário Artístico dos distritos de Aveiro-Sul, Coimbra, Leiria, Santarém, Portalegre e Évora (concelho de Évora e parte ocidental do distrito, devendo aparecer em breve a parte oriental).

Além disso está a trabalhar desde 1969, o académico Dr. Eugénio da Cunha e Freitas, no Inventário Artístico do distrito de Braga. Apresenta a V. Ex.^a os meus melhores cumprimentos.

O Secretário

Fernando Castelo Branco

A esta intervenção da Academia Nacional de Belas Artes foi dada a seguinte resposta.

Guimarães, 26 de Janeiro de 1979.

Ex.^{mo} Senhor
Dr. Fernando Castelo Branco
Secretário da Academia Nacional de Belas-Artes
Largo da Biblioteca Pública
Lisboa-2

De posse do ofício dessa douta Academia, datado de 23 de Janeiro passado, pelo qual V. Ex.^a nos chama a atenção para o dis-

posto na Portaria 80/78 da Secretaria de Estado da Cultura e bem assim nos informa que o Académico Dr. Eugénio da Cunha e Freitas se acha encarregado do Inventário Artístico do distrito de Braga, o que agradecemos, permitimo-nos, contudo, fazer algumas reflexões sobre este assunto do Património Cultural da cidade e concelho de Guimarães e bem assim transmitir o exacto da moção que foi aprovada em reunião de várias Instituições e pessoas desta Terra, entre as quais esteve a Sociedade Marins Sarmento.

Efectivamente as pessoas de certa cultura, melhor avisadas para o que representa de valor inestimável o seu património artístico e cultural, que não são só os seus monumentos classificados, os seus documentos catalogados, as suas obras de arte consagradas, mas sim todo o vasto conjunto de objectos e provas dum passado que é nosso orgulho e preciosa lição da história e tradições desta Terra, sentindo que tudo isto e até os monumentos estão a degradar-se constantemente, sem se vislumbrar quem lhes acuda, sentem muito legitimamente a necessidade de intervir colaborando, da melhor forma que lhes for possível, a primeira das quais é denunciar a situação.

Através da Imprensa local o signatário tem feito a campanha que lhe tem sido possível e vai ainda em meio porque há muito, mais a dizer, no sentido de consciencializar o nosso povo para estes problemas. Junto alguns desses singelos artigos, que comprovam o que afirmo e dos quais V. Ex.^a fará o uso que entender.

Uma certeza pode V. Ex.^a ter, é de que estas pessoas e Instituições, nunca tiveram a intenção de ultrapassar as funções do Académico citado, mas tem sim e apenas o intuito, que entendem ser seu direito legítimo, de se manifestarem e trabalharem para a preservação e carinho dos seus valores.

Poderá V. Ex.^a interceder junto do Académico Dr. Eugénio da Cunha e Freitas no sentido de efectuarmos um encontro nesta Terra e nesta Instituição para uma troca de impressões? V. Ex.^a dirá da possibilidade deste encontro que a nosso ver seria muito útil.

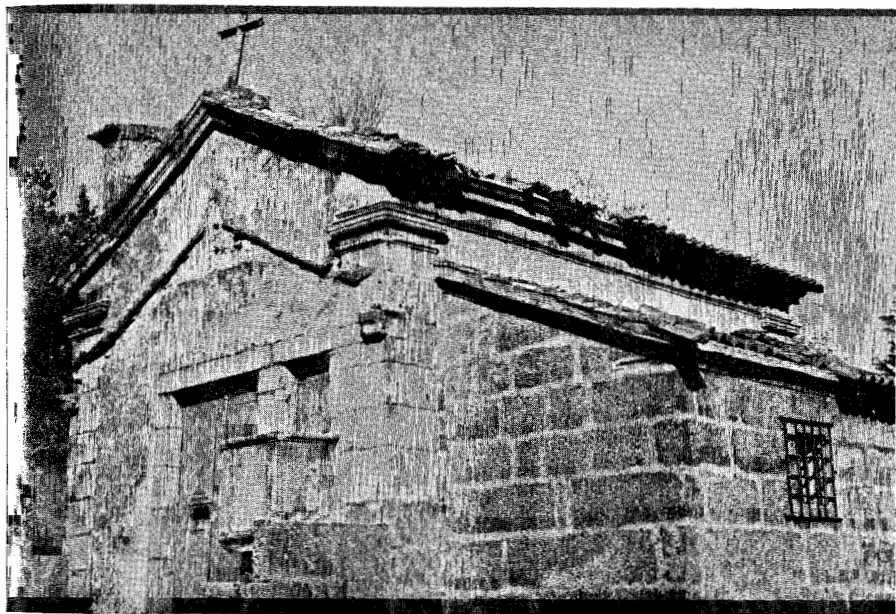
Com os melhores cumprimentos

O Presidente da Direcção da S. M. S.

(Eng.^o José Maria Gomes Alves)

Conforme havia sido programado veio a realizar-se novo encontro do MOVIMENTO PARA A DEFESA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DA CIDADE E CONCELHO DE GUIMARÃES, no dia 7 de Fevereiro de 1979, com a seguinte agenda:

1. *Restabelecimento da Via-Sacra — Reposição dos Passos da Paixão de Cristo;*
2. *Padrão de D. João I — Restauro e conservação;*
3. *Capela de Santa Cruz — Restauro.*



Capela de S.^{ta} Cruz

Quanto ao primeiro ponto o Presidente da S. M. S. fez as seguintes considerações:

«Proposta de implantação das três Capelas que faltam e estão guardadas, salvo erro, na Câmara Municipal, na Igreja de S. Pedro e na Irmandade dos Santos Passos; são elas as que estiveram no Largo dos Bimbais, 5.^a do percurso que não é já possível repor no local; na Rua de Santo António, 6.^a do percurso que igualmente não tem viabilidade de regressar ao local, e finalmente a que se encontrava aposta à torre da Igreja de S. Dâmaso que foi transferida para o Campo do Salvador, 7.^a do percurso que tem obviamente prejudicada a sua reposição pelo facto da Igreja estar agora muito deslocada.

A proposta seria:

A 5.^a do percurso instalar-se-ia no Largo Dr. Mota Prego, com a vantagem de ficar dentro da cidade velha, em amplo espaço e relativamente perto da sua posição inicial, facilitando o trajecto;

A 6.^a instalar-se-ia no Largo João Franco, onde em tempos mais recuados já lá teria estado, conforme o demonstra uma velha gravura incluída no Minho Pitoresco de Pinho Leal; ficaria também em amplo espaço e facilitaria o percurso sempre dentro da cidade velha, através da Rua Val Donas;

A 7.^a instalar-se-ia à entrada da Igreja de S. Pedro, em lugar próprio que as duas Irmandades julgassem conveniente.

Este primeiro ponto suscitou acalorada troca de impressões, tendo-se declarado na oportunidade e por pessoa responsável que a Irmandade dos Santos Passos está muito interessada em resolver o problema com a maior brevidade tendo já feito diligências nesse sentido.

Foi estabelecido um consenso de opinião relativamente à proposta de reposição das 5.^a e 6.^a Capelas, mas quanto à 7.^a foram postas várias hipóteses. Foi no entanto resolvido dar conhecimento destas conclusões à entidade interessada, oferecendo-lhe apoio para que prossiga as suas diligências no sentido de o mais brevemente possível termos restabelecido a Via-Sacra da cidade.

Quanto ao segundo ponto, referente ao restauro e conservação do Patrão de D. João I, situado ao fundo da

Rua do mesmo nome, foi aprovada uma moção nos seguintes termos:

«Sendo muito lamentável que tivesse chegado ao estado de abandono, e degradação a que chegou o Padrão de D. João I, monumento nacional e marco de acção e presença notável da grande figura Real, em Guimarães, este grupo de trabalho, intepritando o sentir das pessoas interessadas desta Terra, por unanimidade e espontaneamente, resolvem interceder imediatamente e com a maior veemência junto dos organismos responsáveis directamente ligados ao assunto, nomeadamente a Secretaria de Estado da Cultura, a Câmara Municipal e a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no sentido de oferecer desde já a sua franca colaboração para a modificação deste estado de coisas que os envergonha e solicitar que sejam efectuadas as obras de preservação e conservação indispensáveis e urgentíssimas capazes de obstar à destruição de tão inestimável monumento de considerável valor artístico e cultural».

Finalmente debateu-se o estafado problema da reconstrução da Capela de Santa Cruz, em completo estado de ruína e abandono. Foi considerado da maior prioridade e foi ali afirmado que a obra vai ser encarada brevemente, mercê de diligências feitas pela Autarquia Municipal. A assembleia regozijou-se com esta notícia esperando ver resolvido este escandaloso problema que está a causar a mais viva indignação entre a população.

Antes de encerrar a reunião ficou estabelecido que se fará novo encontro no mês de Março próximo.

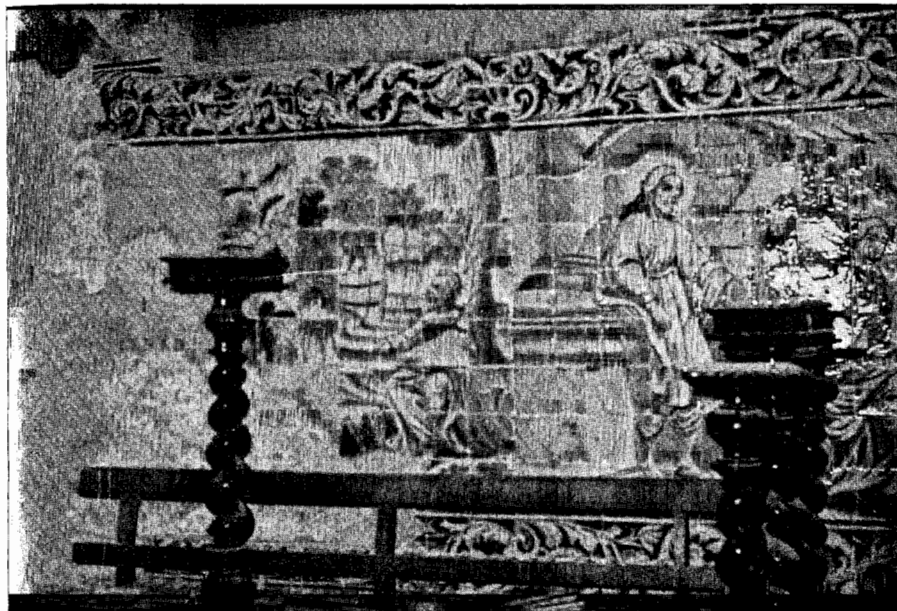
O teor destas resoluções foi entretanto enviado à Mesa da Irmandade dos Santos Passos, ao Secretário de Estado da Cultura, ao Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e ao Presidente da Câmara Municipal de Guimarães.

Transcreve-se o officio n.º 915 de 6 de Março de 1979, proveniente da Secretaria de Estado da Cultura.

Ex.^{mo} Senhor Presidente da Sociedade Martins Sarmento

Em referência à carta da data acima mencionada, referente ao Padrão de D. João I, dessa cidade, tenho a honra de informar V. Ex.^a do seguinte:

1 — Visitado o local, verificou-se que o imóvel conserva o seu



Igreja das Capuchinhas — interior (oficinas de S. José)

aspecto normal de peças antigas, que nesta fase do ano acusam os efeitos de absorção das águas pluviais cujos efeitos se traduzem nas respectivas cantarias nas quais se desenvolvem os limos normais, mais ou menos evidenciados segundo a porosidade da sua constituição geológica e estado de decomposição.

2 — Não há qualquer aspecto de degradação capaz de fazer perigar o desmoronamento do Padrão pois apenas se constatou a existência, no primeiro degrau, de duas pedras de cantaria deslocadas encontrando-se uma partida, danos estes causados por um veículo que ampliou a zona onde se nota a falta de refecimento das juntas de algumas pedras, o que não é assinalado no citado officio.

3 — Assim vai-se remediar os danos referidos, refechar as juntas dos degraus, limpar as cantarias e aplicar duas demãos de silicone nas mesmas.

Com os melhores cumprimentos

O Director-Geral

Não há comentários a fazer aos dizeres deste officio, com o qual não podemos concordar, até porque vieram a ser executadas as obras sugeridas e o monumento tem agora o aspecto e dignidade que merece.

Novo encontro foi depois marcado para 7 de Março de 1979, mediante convocatória nos jornais da cidade nos seguintes termos:

MOVIMENTO PARA A DEFESA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DA CIDADE E CONCELHO DE GUIMARÃES

Leva-se ao conhecimento de todas as pessoas e entidades interessadas da cidade e do concelho de uma forma geral e em particular aos elementos do grupo integrado neste MOVIMENTO que participaram nas reuniões anteriores, que no próximo dia 7 de Março, pelas 21,30 horas, se realizará nova reunião na sede desta Instituição, afim de serem ventilados novos casos concretos de degradação do património concelhio e estabelecidas formas convenientes de acção.

Os pontos de discussão são os seguintes:

1 — *A Igreja das Capuchinhas.*

2 — *A Igreja de S. Cipriano de Taboadelo.*

Realizou-se na sala de conferências da Sociedade Martins Sarmento, em 7 do mês corrente, como tinha sido anunciada, nova reunião deste MOVIMENTO, estando presentes muitas pessoas e representadas muitas Instituições da cidade e concelho.

Abriu os trabalhos o Presidente da Sociedade, Eng.^o Gomes Alves, que começou por informar a assembleia do teor de dois officios recebidos. Um da Academia de Belas Artes de Lisboa informando que aquella douda Instituição na sua última reunião ordinária apreciou e congratulou-se com as posições assumidas pelo MOVIMENTO e pela Sociedade Martins Sarmento a favor da conservação do património artístico e cultural e aliviando que seria muito útil um encontro com o membro da Academia Dr. Eugénio da Cunha Freitas, encarregado de realizar o inventário artístico do distrito de Braga. A assembleia manifestou-se favorável a este encontro ficando o Presidente da Sociedade encarregado de estabelecer o contacto.

O segundo officio, proveniente do Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi lido em voz alta e por ele a assembleia tomou conhecimento que aquele departamento governamental vai proceder às obras de preservação indispensáveis no Padrão D. João I, correspondendo assim aos objectivos da proposta do Movimento elaborada na sessão anterior.

A assembleia, considerou assim os resultados conseguidos bastante positivos e de seguida passou a tratar dos assuntos constantes da sua agenda, tendo da discussão generalizada que se estabeleceu, resultado duas moções que se transcrevem:

1. *IGREJA VELHA DE S. CIPRIANO DE TABOADELO*

Analizado o estado actual da Igreja românica de S. Cipriano de Taboadelo, pequena jóia do nosso passado cultural que vem desde os primórdios da fundação da nacionalidade, conclui-se que está completamente abandonada, em estado de ruína deplorável, com todo o seu interior praticamente saqueado.

Face a esta situação degradante, que constitui motivo da mais grave apreensão para a gente do local e para toda a gente da cidade e concelho que se orgulha e preza dos seus valores culturais e tradicionais, foi resolvido representar às várias entidades ligadas ao caso, nomeadamente ao Ex.^{mo} Secretário de Estado da Cultura, ao Ex.^{mo} Presidente da Câmara Municipal, Presidente da Assembleia Municipal e ao Ex.^{mo} Rev.^{mo} Arcebispo Primaz de Braga, nos seguintes termos:

— A velha Igreja românica de S. Cipriano de Taboadelo, deste concelho de Guimarães, cujas origens vem do Séc. x e pertenceu ao Mosteiro de Mumadona e depois à Colegiada de Guimarães, é, sem qualquer dúvida uma relíquia da maior riqueza cultural, não só porque exhibe vestígios muito palpáveis da arquitectura das suas origens — pré-românico e românico, — como constitui documento precioso de muitos factos da história da região.

— Em 1962, foi esta Igreja vendida ao Eng.^o José Pacheco de Miranda, mediante escritura pública (o que já de si é incompreensível), com a obrigação deste a manter conservada e em condições de servir o culto, pelo menos uma vez por semana.

— É também manifesto que o seu estado de ruína conduzirá fatalmente ao seu rápido desaparecimento, se não forem tomadas medidas urgentes de protecção e conservação do existente.

Assim, por unanimidade e consenso veemente de todos os presentes, propõe-se:

1.^o — Que se ordene um inquérito aos factos apontados e se possível se restitua a Igreja ao seu antigo dono, isto é, à Fábrica de Igrejas de S. Cipriano de Taboadelo, alegando-se a falta de cumprimento das condições estabelecidas para a venda e ainda o interesse público que ela indubitavelmente tem.

2.^o — Que se procurem formas de intervenção imediata e eficaz no sentido de salvar o que ainda puder ser salvo e se possível fazer regressar à Igreja todos os seus valores artísticos dispersos.

3.^o — Que seja imediatamente classificada e considerada imóvel de interesse público, passando a beneficiar dos esquemas de protecção consequentes.

2. IGREJA DO CONVENTO DAS CAPUCHINHAS

Foi ponderado o estado lamentável de abandono e autêntica lapidação a que chegou a Igreja das Capuchinhas, velha Igreja do Convento do mesmo nome, hoje ocupada por uma obra assistencial de grande mérito, que recentemente recebeu vultosos subsídios do Estado. Face a este quadro de repugnante degradação cultural, foi resolvido que se representasse ao Ex.^{mo} Secretário de Estado da Cultura, ao Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e Arcebispo Primaz de Braga, nos seguintes termos:

— É a Igreja das Capuchinhas uma peça do património artístico e cultural da cidade das mais ricas de conteúdo cultural e moral, sendo de realçar os seus notáveis painéis de azulejo do Séc. XVII que decoram a sua Capela-mor, exemplo magnífico da arte barroca portuguesa.

— É também manifestamente evidente que só por mero esquecimento ou alheamento inexplicável, esta Igreja não foi ainda classificada como imóvel de interesse público e monumental.

— É também manifestamente evidente que o seu estado actual e a sua utilização tão estranha, depõe contra o bom nome de todos os vimaranenses, constituindo um exemplo inadmissível de incúria que urge eliminar.

Sendo assim, por unanimidade e consenso geral, propõe-se:

1.º — Que esta Igreja seja imediatamente classificada como de interesse público, como aliás já foi proposto e por consequência passe a beneficiar dos esquemas de protecção correspondentes, nomeadamente quanto à urgente elaboração de um plano de obras de conservação e restauro, procurando-se salvar o que ainda puder ser salvo.

2.º — Que a Igreja seja aberta ao culto porque é ali muito necessária, solicitando-se para isso a intervenção da autoridade eclesiástica.

Do teor desta resolução foi dado conhecimento às seguintes Entidades: Arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, Presidente da Assembleia Municipal, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e Secretário de Estado da Cultura, tendo-se obtido resposta apenas deste último que informou ter remetido o assunto à Direcção-Geral do Património Cultural.

Transcreve-se o officio n.º 221/79, datado de 26 de Abril de 1979, proveniente do Centro Juvenil de S. José, desta cidade.

Ao

Movimento Para a Defesa e Valorização do Património Cultural da Cidade e Concelho de Guimarães

Ao cuidado da Sociedade Martins Sarmiento

Rua de Paio Galvão

GUIMARÃES

Os nossos melhores cumprimentos.

Dado o interesse manifestado por esse Movimento quanto ao estado de degradação em que se encontra presentemente a Capela desta Instituição, vimos pelo presente enviar a V. Ex.^{as}, para uma correcta apreciação, um jogo de documentos com as diligências processadas num período que decorre de 2 de Julho de 1968 a 10 de Janeiro de 1979.

Permitimo-nos esclarecer também que não é da responsabilidade desta Instituição o encerramento ao Culto da Capela, mas, segundo julgamos saber, essa responsabilidade caberá às Autoridades Eclesiásticas.

Aceitamos de bom grado a colaboração que esse Movimento possa prestar-nos com vista a uma rápida decisão das Entidades Competentes, tornando possível a recuperação dos azulejos e o restauro da Capela.

Reiterando os nossos cumprimentos, subscrevemo-nos

Muito Atentamento,

Centro Juvenil de S. José — Guimarães

Pela Direcção

O Secretário,

(Jaime Manuel da Costa Sampaio)

Nova convocatória é feita através da imprensa local.

MOVIMENTO PARA A DEFESA E VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DA CIDADE E CONCELHO

Leva-se ao conhecimento de todas as pessoas e entidades interessadas da cidade e do concelho de uma forma geral e em particular aos elementos do grupo integrado neste MOVIMENTO, que participaram nas reuniões anteriores, que no próximo dia 11 de Abril, pelas 21,30 horas, se realizará nova reunião, na sede desta Instituição, a fim de serem ventilados novos casos concretos de degradação do património concelhio e estabelecidas formas convenientes de acção.

PONTOS À DISCUSSÃO

1. *Parque do Castelo.*
2. *A Igreja da Conceição.*

E veio a realizar-se conforme passamos a descrever.

Na forma costumada, o Presidente da Sociedade Martins Sarmento declarou aberta a reunião previamente anunciada deste MOVIMENTO, verificando-se a presença de muitas pessoas e entidades interessadas.

Referiu-se às moções aprovadas na Sessão anterior realçando o facto muito positivo e tornado público pela Direcção do Centro Juvenil de S. José, de que se vão envidar esforços no sentido de salvaguardar a Igreja das Capuchinhas, restituindo-a ao culto, preservando o seu magnífico património artístico.

Disse e é notório que está a surgir com muita vivacidade por quase todo o País, um agitar de consciência semelhante a este que aqui se gerou, todo voltado para a protecção dos valores culturais lamentavelmente abandonados. Como exemplo referiu o caso de Viana do Castelo, onde o próprio Bispo D. Júlio Tavares Rebimba, promove a criação de comissões concelhias e paroquiais, exactamente para tratar destes problemas.

Deu-se então entrada na ordem dos trabalhos, generalizando-se a discussão sobre os dois temas propostos, tendo-se chegado a um consenso de aprovação das duas moções seguintes:

1. *PARQUE MONUMENTAL DO CASTELO DE GUIMARÃES*

Analizando as condições deploráveis em que se encontra o PARQUE DO CASTELO, a Colina da Pátria, como orgulhosamente os vimaranenses chamam àquele belo recinto em que se acham implantados os monumentos mais expressivos de Guimarães e de Portugal, nomeadamente o Castelo, o Paço dos Duques de Bragança e a Capela românica de S. Miguel onde foi baptizado o nosso primeiro Rei, conclui-se que ele é, neste momento, o mais rematado exemplo de degradação de valores públicos.

Corroborando as palavras de um jornalista, há dias transcritas num dos diários portuenses, apontam-se entre outras as seguintes deficiências:

— Os canteiros, outrora bem tratados vêm agora os seus relvados proliferarem selvaticamente, não sendo raro até verem-se neles pastando algumas cabeças de gado;

— Os caminhos estão rasgados por sulcos mais ou menos profundos, provocados pelos sucessivos temporais, sem as necessárias reparações;

— Há muros semi-desfeitos, com seus recantos servindo de retretes;

— Os caros e tão discutidos na altura da sua instalação, mas funcionais, candeeiros que iluminavam o Parque na sua total extensão, foram totalmente inutilizados, estando a cair aos bocados; a sua instalação, pelo que nos dizem está completamente podre, porque não foi tratada a tempo;

— A iluminação festiva apagou-se para sempre e o equipamento anda por lá aos pontapés;

— A sinalização, elemento indispensável à informação dos turistas, está a desfazer-se;

— A Capela de Santa Cruz, pequeno monumento do séc. XVII, perfeitamente integrado no Parque, continua o seu fadário de destruição, sem que ninguém lhe acuda, ao menos para reparar os telhados;

— A fiscalização e policiamento pode dizer-se¹ que não existem. Existe, sim, toda a ordem de desacatos e imoralidades, sendo sabido que a partir de certas horas não é prudente passar pelo interior do Parque;

— As variadas espécies arbóreas, antes bem tratadas e acolhedoras, apresentam agora o aspecto das espécies entregues a si próprias, mal podadas e de ramos partidos ou esgaçados ao acaso;

— Para cúmulo da falta de respeito por estes valores e pela própria Natureza, implantou-se na parte nascente do Parque um jogo insólito de aparelhos de ginástica, em toros de madeira mal aparelhada, a pretexto de se fazer desporto; (circuito de manutenção e preparação física);

— E finalmente, para cúmulo de tudo isto, vão passados largos meses que não existe sequer a iluminação pública nos arruamentos circundantes. À noite tudo é escuro como breu, dando ao «altar» o aspecto de um «túmulo» desprezado e sórdido.

Assim, por unanimidade e consenso de todos e dignidade da cidade, propõe-se:

1.º — Que se procurem imediatamente as formas mais eficazes de intervenção dos poderes públicos no sentido de restituir ao Parque a sua legítima dignidade e compostura;

— 2.º — Que se peça a imediata intervenção das autoridades, nomeadamente do Secretário de Estado das Obras Públicas, da Câmara Municipal e da Polícia de Segurança Pública, solicitando-lhes uma acção tão rápida quanto possível, para resolver todos estes problemas, como aliás o exige o bom nome da cidade e o respeito que é devido aos valores culturais do domínio público;

3.º — Que se remova ou transfira o mais rapidamente possível, para local conveniente, o citado circuito de manutenção e preparação física, por não se enquadrar de forma nenhuma no conjunto histórico-arquitectónico;

4.º — Alvitra-se como indispensável o estabelecimento de um corpo especial de guarda permanente sem o que não poderá obstar-se à degradação acelerada de todo o equipamento acessório do Parque.

2. CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

— Sendo esta Capela tão preciosa e tão interessante pelos valores artísticos que encerra e pelo que representa de muito notável para a cultura e tradição vimaranense;

— Sendo, sem qualquer espécie de dúvida, uma riquíssima obra prima da arte barroca portuguesa, quer pela talha dourada, quer pelos lindíssimos painéis de azulejo do seu interior;

— Sendo ponto assente que estes valores devem ser valorizados e nunca menosprezados, porque são legados que devemos ao futuro e testemunhos de consciência do presente; e,

— Sendo ainda notório o avanço indiscriminado da Urbanização da Conceição, ao que se julga sem ter em conta esta jóia arquitectónica que é a Capela, incutindo em todos cada vez mais o receio de a vermos encolhida ou esmagada sob a mole encaracterística dos grandes blocos do Plano de Fomento da Habitação;

— Por consenso de todos os presentes foi resolvido denunciar, desde já esta preocupação e providenciar junto das autoridades presumivelmente intervenientes no sentido de ser feito, sem demora, um estudo urbanístico de integração da Capela de Nossa Senhora da Conceição, no qual ela não se veja prejudicada e possa manter a sua localização em condições de dignidade e respeito pelo valor que realmente tem.

Essas entidades seriam: a Câmara Municipal, o Fundo do Fomento da Habitação e até mesmo os Secretários de Estado das Obras Públicas e do Equipamento Urbano.

E o teor desta nova resolução foi então enviada ao Eng.^o Mário de Azevedo, ao tempo Secretário de Estado das Obras Públicas, ao Presidente da Câmara Municipal e ao Presidente da Assembleia Municipal.

Da Direcção-Geral do Património Cultural foram também recebidos ofícios, datados de 19 de Abril a solicitar fotografias do exterior e interior das Igrejas do Convento das Capuchinhas e da Igreja Velha de S. Cipriano, pedido que foi satisfeito. Algo se estaria a promover...

Assim encerrou o primeiro ciclo de trabalho do
MOVIMENTO PARA A DEFESA E VALORIZA-
ÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E ARTÍSTICO
DA CIDADE E CONCELHO DE GUIMARÃES.

Guimarães, 30 de Abril de 1979.

VI CONGRESSO DE ESTUDOS ESTREMEÑOS — ESPANHA

Correspondendo ao convite formulado, a Sociedade Martins Sarmiento fez-se representar no VI CONGRESSO DE ESTUDOS ESTREMEÑOS, pelo seu Presidente, Eng.^o José Maria Gomes Alves.

Os trabalhos decorreram em Trujillo e Badajoz da vizinha Espanha, de 8 a 12 de Maio do ano corrente, tendo a sua Comissão Organizadora e em especial o seu Secretário Geral, D.Manuel Terrón Albarrán, sido inextinguíveis de atenções para com os participantes, o que conferiu ao encontro um nível social de muita elevação.

A qualidade científica alcançada é nota de realçar, o que aliás era de esperar dada a craveira intelectual da maioria das personalidades escolhidas dentre aquelas que a estes estudos da Estremadura espanhola vem dedicando a sua atenção.

Comemoraram-se também dois grandes acontecimentos: o *V Centenário de Francisco Pizarro o grande conquistador do Peru* e o *V Centenário da batalha de Albuñera*, precursora da unidade histórica de Espanha.

Os temas fundamentais ficaram repartidos por várias Secções, entre as quais figurava a de Arqueologia, cujos intervenientes e títulos das comunicações, apenas como nota de registo e notícia passamos a enumerar.

António Blanco Freijeiro, *Novedades arqueológicas de Extremadura*.

Pilar Amador Carretero, Luciano Fernández Gómez y José María Linares, «*Pinturas esquemáticas inéditas de «El Buraco»*».

Marcelaino Sayáns Castaño, «*Relación de descubrimientos en Alta Extremadura*».

Primitiva Bueno Ramírez, «*Estelas antropomorfas de la Península Ibérica: Ciudad Rodrigo*».

Ana M.^a Fernández Vega, «*Materiales cerámicos procedentes de las canteras de Zarzalejo (Madrid)*».

Manuel Fernández-Miranda, «*Extremadura y Andalucía occidental en la época tartésica: elementos de comparación*».

Francisco Hernandes, «*Nuevos grafitos de Extremadura*».

Amparo Hermando Grande, «*Aportación al estudio del escudo en los exvotos ibéricos*».

Teresa Chapa Brunet, «*El león alado de Higuera la Real (Badajoz)*».

María Murillo Mariscal, «*Hallazgos arqueológicos y otras noticias sobre arqueología de la zona Aldeacentenera-Madroñera*».

José María Alvarez Martínez, «*Excavaciones arqueológicas en Regina*».

Félix J. Montón Boto, «*La Lusitania en las fuentes*».

Carlos Serrano, «*La cuestión del «Oppidum Valentia» de Junio Bruto*».

Enrique Cerrillo Martín de Cáceres, «*La villa de «La Cocosca» y su área territorial: Análisis de un asentamiento romano*».

Aquilino Camacho Macías, «*Cultos precristianos de Augusta Emerita*».

Pilar Caldera de Castro, «*Vidrios romanos del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz*».

Francisco Germán Rodríguez Martín, «*Cerámica campariense em Merida*».

José Salas Martín, «*Inscripciones a Ma-Bellona*».

As actas deste Congresso que se espera venham a público brevemente, oferecerão uma visão completa do que foi este verdadeiro acontecimento científico.

EXPOSIÇÕES ITINERANTES DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

No âmbito da campanha de esclarecimento que nos propuzemos levar a cabo, no sentido de despertar a atenção das populações para os valores artísticos e culturais, realizou-se durante o mês de Abril um conjunto de manifestações de alto nível cultural, confinadas ao tema genérico «A ARTE DO SÉCULO XVIII EM PORTUGAL».

Deram a sua colaboração a esta iniciativa a Fundação Calouste Gulbenkian e o Museu Alberto Sampaio desta cidade, tendo-se elaborado um programa conjunto que passamos a descrever:

No Museu Alberto Sampaio:

CONFERÊNCIAS

Dia 6 de Abril às 21,30 horas.

DR. FLÓRIDO DE VASCONCELOS

Alguns aspectos da teorização das Artes na segunda metade do séc. XVIII

Dia 20 de Abril às 21,30 horas.

DR. VITOR PAVÃO DOS SANTOS

O espaço teatral no séc. XVIII

Dia 24 de Abril às 21,30 horas.

PROF. DOUTOR ARTUR NOBRE DE GUSMÃO

*Director do Serv. de Belas-Artes da Fund. C. Gulbenkian
Bens patrimoniais e descentralização cultural*

VISITAS GUIADAS

Dias 5 e 19 de Abril às 18,30 horas

PROECÇÃO DE DIAPOSITIVOS

Dias 4 e 18 de Abril às 18,30 horas

AUDIÇÃO DE MÚSICA GRAVADA

Dias 2 e 17 de Abril às 18,30 horas

EXPOSIÇÃO

Aspectos da Arte em Portugal do séc. XVIII

Na Sociedade Martins Sarmento

Música

Dia 3 de Abril às 21,30 horas

MÚSICA BARROCA PORTUGUESA DE TECLA

Pianista

NORMA SILVA

CONFERÊNCIAS

Dia 17 de Abril às 21,30 horas

DR. FLÁVIO GONÇALVES

Os interiores setecentistas das igrejas de Entre-Douro-e-Minho

EXPOSIÇÃO

A Talha em Portugal

Passamos a transcrever as palavras proferidas pelo Presidente da Sociedade no acto da inauguração da Exposição acima referida, cuja montagem esteve inteiramente a cargo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Vamos inaugurar dentro de momentos a Exposição itinerante de documentação fotográfica, recheada por peças do Museu Alberto Sampaio e do nosso próprio Museu.

Esta Exposição deve-se à iniciativa da benemerita e sempre prestável Fundação Gulbenkian, que foi inextinguível no cuidado da sua preparação. E antes do mais, seja-me permitido formular desde já algumas muito breves palavras acerca do que ela me sugere.

A primeira é a de que irá de certo contribuir para o conhecimento de uma arte importantíssima, tão marcadamente portuguesa, o que de certo modo se insere no propósito desta Casa já declarado, de continuar a trabalhar no sentido de uma maior consciencialização das populações para estes valores, divulgando-os e procurando estabelecer formas de intervenção para que cesse o processo de degradação a que vimos assistindo. O segundo é para deixar aqui uma palavra de humilde homenagem ao Homem extraordinário que foi Robert Smith, o erudito americano que com tanta proficiência e visão de historiador e artista nos alertou de forma decisiva para esta arte muito portuguesa dos séculos XVI, XVII e XVIII que é a talha.

O trabalho que aqui se expõe é no fundo o fruto laborioso desse Homem extraordinário.

E não só, porque se não fora a atenção dos responsáveis do Sector de Belas Artes da Fundação Gulbenkian, tal também não teria sido possível.

A V. Ex.^{as} senhores Administrador e Director da Secção de Belas Artes da Fundação Gulbenkian, respectivamente Drs. Tamem e Nobre de Gusmão tenho necessariamente de dirigir uma palavra de muito sincero agradecimento e desde já pedir-lhes o obséquio de serem junto do Ex.^{mo} Senhor Doutor Azeredo Perdigão, Presidente do Conselho de Administração dessa Fundação os nossos intérpretes no agradecimento que lhe é devido por mais este relevante serviço que nos prestou.

Em especial quero no entanto destacar o cuidado e interesse excepcional que V. Ex.^a Senhor Doutor Nobre de Gusmão pôs nesta empresa que efectivamente resultou tão brilhante e é o testemunho inequívoco da sua qualidade de homem de arte e Amigo desta Casa.

Peço-lhe o favor de aceitar que o proponha como sócio correspondente da nossa Instituição dando-lhe assim a prova singela é certo, mas muito sincera de gratidão e respeito que nos merece por tudo que tem feito a nosso favor.

Ao Dr. Barata Feio não quero também deixar de mencionar nesta oportunidade para lhe agradecer o seu magnífico trabalho.

Finalmente a Sociedade Martins Sarmento, honrada com as presenças de V. Ex.^{as} Senhores Representante do Ex.^{mo} Secretário de Estado da Cultura e do Ex.^{mo} Presidente da Câmara Municipal, expressa-lhes por meu intermédio o seu melhor agradecimento por terem aceite os nossos convites, conferindo a esta inauguração, a solenidade e brilho que efectivamente merecem.

Por sua vez a Conferência proferida pelo Prof. Dr. Flávio Gonçalves foi precedida por algumas palavras de apresentação proferidas pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmento.

Minhas senhoras e meus senhores:

Prezados consócios:

Começo naturalmente por dirigir a V. Ex.^{as} uma palavra de saudação e agradecimento por terem acedido ao nosso convite para aqui virem, honrando-nos mais uma vez com a vossa presença.

Nesta Sociedade Martins Sarmento é sempre com a maior satisfação que vos recebemos e dizemo-lo pela consciência que temos de estarmos a prestar mais um serviço à cultura e a esta Terra.

E não obstante termos de verificar, com certa mágoa nossa, que nem sempre ou quase sempre o número de presenças corresponde à importância dos acontecimentos que aqui se têm vivido, o que de certo modo poderia pôr em dúvida o interesse do esforço dispendido, estamos na disposição de insistir neste caminho, firmemente e com o único propósito de contribuirmos para o progresso do conhecimento e da cultura, seja a que preço for, sem olhar a sacrifícios e contrariedades, mobilizando os poucos recursos de que dispomos.

A segunda palavra de saudação e também de agradecimento é devida à benemérita FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, cujos encómiolos por desnecessários e certamente insuficientemente expressivos da minha parte, me escuso de explicar.

Temos contudo de afirmar muito sinceramente, é que mais uma vez a grande mecenas portuguesa deu a mão à Sociedade Martins Sarmento e nós estamo-lhe gratos.

Todo este importante ciclo de manifestações culturais dedicado à arte dos últimos séculos da nossa história só foi possível com a sua preciosa e proficiente ajuda.

Pode dizer-se que a Fundação Gulbenkian é, neste momento como há largos anos atrás, o grande suporte da cultura em Portugal, não só pela disponibilidade em meios, como em Homens, dentre os quais tenho de destacar o seu Director de Serviço de Belas Artes, Prof. Doutor Artur Nobre de Gusmão, a quem obrigatoriamente por gratidão e especial consideração temos de render as nossas melhores homenagens.

Todo este seu e nosso trabalho que compreendeu as Exposições que estão patentes ao público quer nesta Casa, como no Museu Alberto Sampaio, completada pelo conjunto criteriosamente programado, de outras manifestações culturais, pode dizer-se que constituiu o maior acontecimento de ordem cultural desta Terra dos últimos tempos, despertando um interesse invulgar traduzido pela frequência excepcional visitantes às Exposições.

Sentimo-nos assim compensados.

Temos a plena consciência de estarmos a contribuir de forma decisiva e neste meio que é o nosso, para a melhor compreensão do fenómeno artístico desta época, quanto a nós, tão brilhante e rica da arte portuguesa.

Este despertar aliás oportuno e necessário está nessa mesma linha de intervenção que é o MOVIMENTO PARA A DEFESA E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DA CIDADE E CONCELHO, movimento que partindo desta Casa está em marcha e não parará, senão quando forem finalmente reconhecidos os nossos insistentes apelos à razão e ao amor por estas coisas.

Temos para nós, que amar e preservar o passado não é retrocesso.

É sim a prova mais lúcida de estar no presente, sem dúvida indispensável à perfeita conquista do futuro.

Finalmente a terceira palavra de saudação e agradecimento muito afectuoso vai para o nosso ilustre Conferente desta noite.

O Prof. da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Dr. FLÁVIO GONÇALVES, a quem cumprimentamos neste momento e que nos vai proporcionar, certamente uma interessante lição.

O tema que escolheu «OS INTERIORES SETECENTISTAS DAS IGREJAS DE ENTRE DOURO E MINHO» é muito aliciante, diria que entra no domínio do maravilhoso e vai servir com toda a propriedade, para remate deste nosso ciclo de análise e mais estreito contacto, com os valores artísticos que tornaram tão brilhante e nem sempre compreendido período da arte portuguesa.

Minhas senhoras e meus senhores:

Quem é o Dr. Flávio Gonçalves?

Perdoe-nos V. Ex.^a Senhor Dr. a maneira um tanto inusitada como início a sua apresentação, apresentação que antes do mais era perfeitamente escusada.

Efectivamente V. Ex.^a não carecia dela, porque é sobejamente conhecido.

Uma vida inteira dedicada à História d'arte, principalmente ao estudo da Iconografia e Arte portuguesa do largo período que vai do séc. xv ao séc. xix, confere-lhe jus a ser considerado um dos mais credenciados especialistas desta matéria.

Sem querer ofender a sua conhecida modéstia, permita-me que faça esta afirmação:

V. Ex.^a é neste momento, um dos grandes continuadores senão o maior continuador dessa obra magnífica de estudo e reflexão da arte portuguesa encetada pelo arguto e erudito investigador que foi Robert Smith.

Sabemos que a arte barroca portuguesa era todo o seu encanto e V. Ex.^a tal como ele tem procurado estudá-la e explorá-la com toda a profundidade, nomeadamente nos campos da arquitectura, da talha e da azulejaria.

Sei que este é o maior elogio que lhe posso fazer!

V. Ex.^a com as suas inúmeras intervenções, quer nos organismos de maior representatividade, como é o caso da Academia N. de Belas Artes a que pertence por mérito consagrado, quer em contactos de carácter científico, congressos, colóquios, etc. quer mesmo em participações de mera divulgação cultural, angariou um prestígio firmado no mérito dos seus conhecimentos e na maneira sempre cuidada e interessante como se dispõe a comunicar com os seus auditores desde os mais cultos, aos simples curiosos interessados e estudantes.

Recordo aqui o êxito assinalável do curso que regeu no Museu da Arte Sacra da Baía, no Brasil. Êxito que transcendeu, como se vê, a nossa própria fronteira e que repetidamente se testemunha pelas inúmeras solicitações que lhe chegam, às quais com muita abnegação e sacrifício vai correspondendo, na medida em que pode dispor de algum tempo, aliás sempre escasso dos seus afazeres de investigador e docente.

Esta é a 2.^a vez que vem a Guimarães!

Estamos bem lembrados do que foi a sua 1.^a apresentação nesta Terra. Foi no Paço dos Duques de Bragança, com a maior solenidade. Tal como nessa altura vamos agora ficar muito gradecidos, repetir-se-á o êxito.

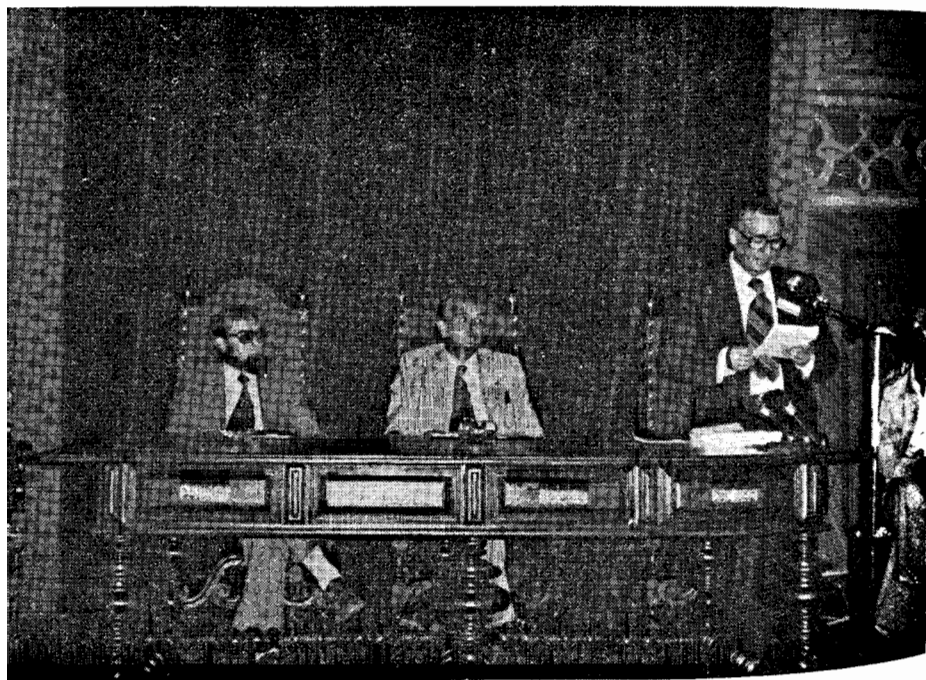
Peço-lhes, pois, minhas senhoras e meus senhores o obséquio de escutarem atentamente o Prof. Flávio Gonçalves.

Seguiu-se a Conferência ilustrada com uma agradável colecção de diapositivos atentamente escutada e aplaudida vivamente no final por todos os presentes que acorreram em grande número.

SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DO NOROESTE PENINSULAR

Em três volumes separados da REVISTA DE GUIMARÃES far-se-á a publicação das ACTAS deste acontecimento científico, que serão distribuídas gratuitamente aos participantes, como prova de reconhecimento pela valiosa contribuição que nos quiseram oferecer.

São devidas palavras de agradecimento às seguintes Entidades colaborantes: Fundação Gulbenkian, Secretaria de Estado



Seminário de Arqueologia (Sessão de Abertura)

No uso da palavra o Presidente da Sociedade Martins Sarmento

da Cultura, Câmara Municipal de Guimarães, Assembleia Distrital de Braga, Faculdades de Letras do Porto, Coimbra, Lisboa, Valladolid e Santiago de Compostela e ainda à Associação dos Arqueólogos Portugueses.

É devida também uma palavra especial de apreço para mais as seguintes Entidades, que desde a primeira hora se puseram à nossa disposição e nos incentivaram decisivamente para que prosseguíssemos os nossos intentos. São elas: Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho, Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, Instituto Sarmiento de Santiago de Compostela e finalmente os Museus de Pontevedra, de Orense, de Lugo, de Valladolid, de Etnografia do Porto e Alberto Sampaio de Guimarães.

Ao Museu de Etnografia do Porto e ao seu Director ficamos ainda a dever o obséquio de nos ter proporcionado uma magnífica Exposição alusiva, que esteve patente ao público durante o período das jornadas.

Efectivamente sem o precioso auxílio de todos, participantes e Entidades colaborantes não nos teria sido possível pôr de pé tamanha iniciativa e muito menos obter o êxito que realmente se conseguiu.

Iniciamos esta nota descritiva com a publicação das Circulares de convite e esclarecimento.

Circular N.º 1*Novembro 1978*

A Sociedade Martins Sarmento, Instituição quase centenária, fundada sob a égide de Martins Sarmento, um dos primeiros arqueólogos portugueses, possui um largo historial, de que se orgulha, ao serviço dos estudos arqueológicos.

A ela vem prestando valiosíssimo concurso eminentes cientistas do passado e do presente, sobejamente conhecidos pela sua interessada colaboração na «Revista de Guimarães», seu órgão cultural, conhecido em todos os meios científicos da especialidade.

Passando no próximo ano de 1979, o 850.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE S. MAMEDE, que teve lugar a 24 de Junho de 1128, e representa o marco primeiro da existência de Portugal como Nação, não pode esta Instituição deixar de enaltecer esta data, associando-se às Comemorações que estão a ser programadas por outras Instituições vimaranenses, nomeadamente a Colegiada de Guimarães, que se propõe realizar um importante CONGRESSO HISTÓRICO.

Independentemente da franca colaboração que esta Casa pretende oferecer à iniciativa da vestuta Colegiada, visa-se enriquecer as Comemorações com um SEMINÁRIO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS.

Este Seminário realizar-se-á de 7 a 10 de Junho de 1979, nesta Sociedade, visando exclusivamente a apresentação dos dados mais recentes que interessem a uma nova perspetivação da problemática da Arqueologia do Noroeste Peninsular, mormente no que toca à Pré-História recente (Megalitismo-Idade do Bronze) e à Cultura Castreja (Proto-História e Romanização).

Solicitamos de V. Ex.^a a adesão a esta iniciativa até 28 de Fevereiro de 1979 com indicação do tema ou temas com que pretende colaborar no Seminário, para que ainda em Fevereiro de 1979 lhe possa ser enviado o Programa Definitivo, que incluirá sessões para apresentação de comunicações e visitas de estudo a estações e monumentos.

Esta reunião científica tem já colaboração assegurada de pessoas e entidades ligadas à Arqueologia do Norte de Portugal e da Galiza, nomeadamente dos Institutos de Arqueologia das Faculdades de Letras do Porto, de Coimbra, de Valladolid e de Santiago de Compostela, do Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho, do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, do Instituto Sarmiento de Santiago de Compostela e dos Museus de Pontevedra, de Orense, de Lugo, de Valladolid e de Etnografia do Porto.

Aguardando a melhor colaboração de V. Ex.^a, e o envio, com a urgência possível da ficha de inscrição anexa para

COMISSÃO ORGANIZADORA DO
SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA
DO NOROESTE PENINSULAR

SOCIEDADE MARTINS SARMENTO
— GUIMARÃES — PORTUGAL

Subscrevemo-nos com a maior consideração e estima.

O Presidente da Direcção,
(*Eng.º José Maria Gomes Alves*)

Circular N.º 2*Março 1979*

A julgar pelo número de adesões já recebidas, temos o maior prazer de informar que esta iniciativa está a constituir assinalável êxito.

Com efeito, muitos especialistas portugueses e estrangeiros confirmaram já a sua inscrição neste SEMINÁRIO cuja temática foi considerada muito oportuna.

Brevemente se iniciarão os trabalhos de sistematização, prevendo-se desde já uma subdivisão temática em duas secções.

A relação das entidades citadas na Circular n.º 1, como colaboradores, podemos desde já acrescentar:

Câmara Municipal de Guimarães

Secretaria de Estado da Cultura

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Faculdade de Letras de Lisboa

Fundação Calouste Gulbenkian

As actas do SEMINÁRIO e respectivas comunicações serão publicadas no nosso órgão cultural, a REVISTA DE GUIMARÃES.

Oportunamente será transmitido o programa e informações relativas a possíveis ajudas de custo para estadia e transporte, o que naturalmente está dependente do montante dos subsídios que forem conseguidos.

Continuando a poder contar com a colaboração de
V. Ex.^a, subscrevemo-nos com a maior consideração

Pela

*Comissão Organizadora do
Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular
Sociedade Martins Sarmiento — Guimarães — Portugal*

O Presidente da Direcção,
(*Eng.^o José Maria Gomes Alves*)

Circular N.º 3*Abril 1979*

É chegada a altura de comunicar aos participantes do SEMINÁRIO o programa geral dos trabalhos que decorrerão na sede desta Instituição.

Dia 7 de Junho, 5.ª-feira, 10 horas — recepção e entrega do programa das comunicações e outra documentação.

12 horas — sessão de abertura

15-19 horas — sessões de trabalho

Dia 8 de Junho, 6.ª-feira, 9,30-12,30 horas — sessões de trabalho

15-19 horas — sessões de trabalho

Dia 9 de Junho, Sábado, 9,30-12,30 horas — sessões de trabalho

de tarde — visitas de estudo

Dia 10 de Junho, domingo de manhã — visitas a Briteiros e Braga; Guimarães e seus monumentos.

15 horas — Sessão de encerramento seguida de *recepção e beberete* no claustro e jardins da Sociedade Martins Sarmento.

As sessões de trabalho, preenchidas com intervenções cuja duração não poderão exceder 30 minutos, obedecerão a um calendário detalhado que será distribuído na

abertura do SEMINÁRIO, que se desenvolverá em duas secções:

I — *Megalitismo — Idade do Bronze*

II — *Cultura Castreja (Proto-História e Romanização)*

As visitas de estudo a locais onde decorrem presentemente trabalhos arqueológicos serão proporcionadas gratuitamente a todos os participantes.

Esperando a presença e prestimosa colaboração de V. Ex.^a, subscrevemo-nos com a maior consideração.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

ESQUEMA DO DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS, COM INDICAÇÃO DOS NOMES DOS PARTICIPANTES INSCRITOS E TÍTULOS DAS SUAS COMUNICAÇÕES

SECÇÃO I — MEGALITISMO — (Sala 1)

— *Dia 7 de Junho* — das 15 às 19 horas.

Presidência: Prof. Gomez Tabanera

Secretário: Dr. Vítor O. Jorge

1. Domingos de Jesus da Cruz, «*Contribuição para o levantamento cartográfico do conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (Concelho de Amarante e Baião)*».
2. Francisco Sande Lemos, «*Inventário cartográfico do complexo megalítico de Castro Laboreiro*».
3. Armindo de Sousa e Maria de Fátima Coelho e Sousa, «*Prospecção arqueológica na zona de Guimarães*».
5. Vítor Manuel de Oliveira Jorge, «*Escavações da Mamoa n.º 3 de Outeiro de Ante (Baião)*».
5. Carlos Garcia Martínez, «*Tipoloxía dos sepulcros megalíticos da Galicia, (Col. Antón Rodríguez Casal)*».

— *Dia 8 de Junho* — das 9 e 30 às 12 e 30 horas

Presidência: Prof. Jordá Cerdá

Secretário: Dr. Vítor O. Jorge

1. Xosé Carlos Sierra Rodríguez e Garcia Martínez, «*Contribución á revisión da periodización do Campaniforme e do Bronce Inicial na Galicia*».
2. João de Castro Nunes, «*O campaniforme marítimo da Bobadela, no conc. de Oliveira do Hospital (Coimbra)*».
3. Thomas Bubner, «*A cultura campaniforme no Noroeste Peninsular*».

— *Dia 8 de Junho* — das 15 às 19 horas

Presidência: Prof. Jordá Cerdá e Philine Kalb

Secretário: Dr. Huet Bacelar Gonçalves

1. José João Rigaud de Sousa e Susana de Oliveira Jorge, «*Resultados de uma sondagem efectuada na estação arqueológica de Chã do Castro (Amares — Braga)*».
2. Armindo de Sousa, «*Cerâmica da Gandra — Esposende*».
3. Maria Conceição de Faria Atão Resende, «*Algumas considerações sobre a cerâmica de Mairos*».

4. Philine Kalb, «*Novos aspectos do bronze final em Portugal*».
5. Marisa Ruiz-Galvez Priego, «*Algunos aspectos del paso del Bronce Final a la edad del Hierro en el NO. peninsular*».
6. Jorge J. Eiroa Garcia, «*El paso del Bronce al Hierro Inicial en el Noroeste Peninsular*».

— *Dia 9 de Junho* — das 9 e 30 às 12 e 30 horas

Presidência: Arquitecto Octávio da Lixa Filgueiras

Secretário: Dr.^a Susana O. Jorge.

1. Francisco J. S. Alves, «*Covas abertas no saibro de Pedroso (Rego, Celorico de Basto) e da Veiga (S. Lourenço de Sande, Guimarães)*».
2. A. Huet Bacelar Gonçalves, Susana O. Jorge e Vítor O. Jorge, «*Fossas abertas no saibro do concelho de Baião — distrito do Porto. Sua importância no contexto da Arqueologia do Norte da Península Ibérica*».
3. A. Huet Bacelar Gonçalves, «*A estátua-menir de Faiões (Chaves). Estudo petrográfico*».
4. Octávio da Lixa Filgueiras, «*A evidência das navegações desde o bronze — Necessidade de uma cartografia específica*».

SECÇÃO II — PROTO-HISTÓRIA — (Sala 2)

— *Dia 7 de Junho* — das 15 às 19 horas

Presidência:

Secretário:

1. Eduardo Alberto Pires de Oliveira, João Sampaio e Castro e Susana Correia, «*O «Castrum Maximum» (Braga)*».
2. Maria Amélia Abally Horta Pereira Bubner, «*O Castro de Arados*».
3. Abel Gomes da Costa, Abílio Mariz de Faria e José da Silva Carvalho, «*Sondagens em castros do concelho de Barcelos (Abade do Neiva, Roriz e Faria)*».
4. Carlos Alberto Brochado de Almeida, «*Sondagens nos Castros de Abade do Neiva e Roriz (Barcelos, 1978)*».
5. J. Joaquim Rodrigues dos Santos Junior, Adérito Medeiros de Freitas e P. António da Eira e Costa, «*O Castro do Mau Vizinho — Cimo de Vila — Chaves*».
6. Martin Höck, «*Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (Concelho de Mirandela)*».
7. Celso Tavares da Silva, «*Contribuição para o estudo da cultura castreja na Beira Alta*».

— *Dia 8 de Junho* — das 9 e 30 às 12 e 30 horas

Presidência:

Secretário:

1. Fernando Acuña-Castroviejo, X. M. Caamaño, «*Aportación às orixens da cultura castreña: o Castro de O Neixón (Cespón — Boiro, a Coruña)*».
2. Angel Esparza Arroyo, «*Nuevos castros con piedras bincadas en la provincia de Zamora*».
3. José Manuel Gomez-Tabanera, «*Sobre manifestaciones de la Cultura Castreña en el Occidente de Asturias*».

— *Dia 8 de Junho* — das 15 às 19 horas

Presidência:

Secretário:

1. Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui Manuel Sobral Centeno, «*Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira — 1977-78)*».
2. Armando Coelho Ferreira da Silva, «*Cidade de Âncora (Caminha, Viana do Castelo) — A campanha de escavações de 1978*».
3. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, «*O castro de Mozinbo e a época flávia no norte de Portugal*».
4. Teresa Soeiro, «*Notas sobre a cerâmica comum de Mozinbo (Penafiel)*».
5. João de Castro Nunes, «*As sítulas «castrejas» de Arganil*».
6. Maria de La Salette da Ponte, «*Génese das fibulas do Noroeste Peninsular*».
7. J. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, «*Fíbula de prata do Museu de Chaves*».

— *Dia 9 de Junho* — das 9 e 30 às 12 e 30 horas

Presidência:

Secretário:

1. Ana Maria Cameirão Leite da Cunha, Eduardo Jorge Lopes da Silva, «*As gravuras rupestres do Escampado e Ozão (Valença) — Notícia preliminar*».
2. Celso Tavares da Silva, «*As gravuras rupestres da Lufinba (Viseu)*».
3. Antonio de la Peña Santos, «*Novas perspectivas para unha cronoloxía dos grabados rupestres do Noroeste da Península Ibérica*».
4. Francisco Calo Lourido, «*Revision dos estudos encol a escultura e decoracion arquitectonica castrexa en Galicia*».
5. Manuel Luís Macedo Farinha dos Santos, «*Escultura castreja*».

SECÇÃO II — ROMANIZAÇÃO — (Sala 3)

— Dia 7 de Junho — das 15 às 18 horas

Presidência: Doutor Jorge Alarcão

Secretário:

1. José D'Encarnação, «*O progresso da epigrafia romana do Noroeste Peninsular (1970-1978)*».
2. António Lourenço Fontes, «*Culto ao Deus Larouco*».
3. António Rodríguez Colmenero, «*Larouco, monte e dios da Gallaecia*».
4. Alain Tranoy, «*Religion et société à Bracara Augusta au Haute Empire*».

— Dia 8 de Junho — das 9 e 30 às 12 e 30 horas

Presidência:

Secretário:

1. Patrick Le Roux, «*Les auxilia romains recruté chez les Bracari et l'organisation politique du NO. hispanique*».
2. Felipe Arias Vilas, «*Excavacions estratigráficas en Lucus Augusti*».
3. Eduardo Pires de Oliveira e Francisco J. S. Alves, «*O salvamento de Bracara Augusta (VII). Achados antigos e recentes. Ensaio de interpretação*».
4. Manuela Delgado, Isabel Figuciredo, Lino Tavares e Filipe Antunes, «*Panorâmica das necrópoles luso-romanas de Entre-Douro e Minho. Um caso: A necrópole da Rua de Caires (Braga)*».
5. Manuel Vieira Dinis, «*A dupla necrópole luso romana de Bouçós — Meixomil (Paços de Ferreira)*».
6. João Parente, «*Subsidios inéditos para a história de Trésminas*».

— Dia 8 de Junho — das 15 às 19 horas

Presidência:

Secretário:

1. Ana Maria Romero Masiá, «*Sobor da Cultura Castreja*».
2. José Manuel Vasques Varela, «*Nuevas perspectivas sobre la economía de la cultura castrexa al Norde del Miño*».
3. Francisco Jordá Cerdá, «*La cultura castreña en Asturias: aspectos religiosos*».
4. António Maria Mourinho, «*Os Zoelas, povo proto-histórico celta que habitou entre Douro e o Sabor, convivendo com os romanos*».
5. José Carlos Bermejo Barrera e F. J. Fernández Nieto, «*En torno al problema de la centuria*».

6. Adriano Vasco Rodrigues, «*O comunitarismo castrejo e a sua persistência social durante os primeiros reinados portugueses*».
7. João Henriques Ribeiro, «*Subsídios para o estudo da romanização da Beira Baixa — A Fonte Santa, Lousa*».

— *Dia 9 de Junho* — das 9 e 30 às 12 e 30 horas

Presidência:

Secretário:

1. Jorge Alarcão, «*O problema da sobrevivência das «villae» romanas na reconquista cristã*».
2. Manuel Martins-Bueno, «*Romanización y problemas de circulación monetaria*».
3. Francisco Sande Lemos, «*Escavações da via militar romana Bracara Augusta — Astorga no troço Albergaria (Ponte de S. Miguel — Vale do Rio Homem) Serra do Gerês*».
4. Carlos Alberto Brochado de Almeida, «*Via Veteris, antiga via romana?*»

Visitas de Estudo**8 DE JUNHO — SEXTA-FEIRA**

As 21 e 30 horas — Visita à cidade, Museu Alberto Sampaio, Parque do Castelo e Paço dos Duques de Bragança.

Passeio a pé pela zona velha da cidade, com saída da Sociedade Martins Sarmento, passando pelo Toural, Porta da Vila, Largo João Franco, Rua da Rainha D. Maria II, Largo da Oliveira, visita à Igreja de Nossa Senhora da Oliveira e ao Museu Alberto Sampaio, prosseguindo depois pela Rua de Santa Maria até ao Largo de Martins Sarmento e finalmente Parque do Castelo. Terminou com a visita ao Paço dos Duques de Bragança.

9 DE JUNHO — SÁBADO

Em autocarro com partida desta Sociedade Martins Sarmento realizou-se a segunda visita de estudo oferecida aos PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO, com o seguinte percurso:

Guimarães — Paços de Ferreira — Citânia de Sanfins e respectivo Museu — Penafiel — Estação do Monte de Mozinho — Santa Marta — Anta de Santa Marta — Lustosa — Conjunto Megalítico — Guimarães, chegada às 20 horas.

10 DE JUNHO — DOMINGO

Em autocarro com partida desta Sociedade Martins Sarmento realizou-se a terceira visita de estudo oferecida aos PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO, com o seguinte percurso:

Guimarães — Braga — Ruínas da Bracara Augusta — Laboratório Arqueológico da Uni-

dade de Arqueologia da Universidade do Minho — Briteiros (Guimarães) — Estação Arqueológica da Citânia de Briteiros — (Exibição Folclórica) — Solar de Sarmento, futuro Museu Monográfico da Citânia. Chegada a Guimarães pelas 13 horas.

Conclusões e Votos

Os participantes no Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, reunidos na Sociedade Martins Sarmento, de 7 a 10 de Junho de 1979, ao encerrarem os seus trabalhos, tornam públicas as suas conclusões e os seus votos.

1. As vantagens da regionalização, quer no plano científico, quer no administrativo, tornaram-se, a todos evidentes. Foram igualmente manifestos os frutos de uma colaboração luso-espanhola que urge incentivar, pois o Minho e o Douro, separando os estados, não destroem a unidade das terras, dos homens e das culturas.
2. Seminários que, fazendo o balanço dos conhecimentos e das dúvidas, definam programas de investigação bem ordenados, são, hoje, uma imperiosa necessidade. Sem eles, a investigação continuará pulverizada e inconsequente. Assim, deseja-se e espera-se que reuniões periódicas, de três em três anos, ora em território espanhol, ora português, venham a ser uma realidade, ritmando as investigações, mantendo a solidariedade dos arqueólogos, garantindo o intercâmbio das ideias.
3. Deverão esses seminários ser organizados sob a forma de relatórios, solicitados a especialistas ou grupos de investigadores de reconhecido mérito. Assim se evitará a dispersão das ideias e se garantirá a apresentação periódica de sínteses que, na discussão, amplamente participada, serão revistas

e se tornarão pontos de partida para novos trabalhos. Deverão esses seminários incluir os domínios da pré-história, de proto-história e da romanização, evitando, todavia, que eles se constituam em domínios separados.

4. Considerando que o progresso da investigação passa pela existência de instituições estáveis, é desejável e necessário reforçar de meios humanos e materiais as instituições que, na zona do Noroeste Peninsular, são actualmente responsáveis pela investigação arqueológica, nomeadamente, do lado português, a Sociedade Martins Sarmento, o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, o Campo Arqueológico de Braga e a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, o Instituto de Antropologia Doutor Mendes Corrêa da Faculdade de Ciências do Porto.
5. Os planos de investigação que neste Seminário começaram a tomar corpo exigem igualmente um permanente intercâmbio de estudiosos espanhóis e portugueses, intercâmbio esse que se recomenda à Comissão Mista Permanente para Aplicação do Acordo Cultural Luso-Espanhol.
6. Finalmente, considerando a necessidade de remodelação do Museu da Sociedade Martins Sarmento e da sua conveniente reinstalação, de modo a poder desempenhar as funções científicas e de animação cultural que lhe incumbem, expressa-se o desejo de ver activado o processo de criação do Museu Monográfico de Briteiros e Sabroso. Igualmente se deseja ver revitalizado e provido de condigno quadro de pessoal, o Museu D. Diogo de Sousa da Cidade de Braga, bem como devidamente instalado, o Museu da Citânia de Sanfins.

Estas Conclusões e Votos do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular foram enviadas às seguintes Entidades:

Ministério da Educação Nacional
Secretaria de Estado da Cultura

Câmara Municipal de Guimarães

Direcção-Geral do Património Cultural

Comissão Mista do Acordo Cultural Portugal-
-Espanha no Ministério dos Negócios Estran-
geiros

Secção de Arqueologia da Faculdade de Letras do
Porto

Secção de Arqueologia da Faculdade de Letras de
Coimbra

Museu de Antropologia da Faculdade de Ciências
do Porto

Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

Conselho de Administração da Fundação Calouste
Gulbenkian

Finalmente a Sociedade Martins Sarmento, deixa aqui
consignado o seu agradecimento a todas as personalidades
que compuseram a Comissão Organizadora.

CONGRESSO HISTÓRICO SOBRE GUIMARÃES E A SUA COLEGIADA

SÉC. X A XIX

Melhor que quaisquer outras palavras para caracterizar perfeitamente o que foi este acontecimento da vida nacional, promovido pela Real Colegiada de Guimarães, reproduzimos integralmente o discurso que o deputado Dr. Henrique de Moraes, proferiu na Assembleia da República em Junho de 1979.

Senhor Presidente,
Senhores Deputados:

Realizou-se em Guimarães de 19 a 23 de Junho o Congresso Histórico sobre Guimarães e a sua Colegiada, em comemoração de mais um aniversário da Batalha de S. Mamede, desta feita 850 anos e, por isso mesmo, efeméride envolvida por brilho especial.

Brilho é luz e, portanto, passível de se decompor em espectro o qual nos demonstraria quais as origens da intensidade luminosa. Por analogia, podemos dizer que o fulgor destas manifestações teve três causas fundamentais:

A primeira, o facto de as comemorações se realizarem em Guimarães, terra onde há sempre gente capaz, em todos os sectores de actividade, de executar obra meritória; a segunda, o conteúdo cultural do Congresso, aonde a categoria dos intervenientes e as notáveis teses apresentadas, elevaram ao mais alto nível intelectual o ambiente vivido durante estes 5 dias; e a terceira, a própria razão de ser desta reunião, — «a Vitória Portuguesa em S. Mamede», génese de Portugal, esteio da nossa Nacionalidade.

Julgo que há todo o interesse em chamar a especial atenção desta Câmara para estes factos, aprofundando um pouco aquilo que não passou, por enquanto, de um enunciado.

As razões referidas são como três ramos importantes duma frondosa árvore (que foi o Congresso Histórico), a qual desejamos dê frutos, para bem de Guimarães e honra da nossa Pátria.

Nunca será de mais repetir uma velha e conhecida verdade, a de que o caminhar para o futuro sem a meditação sobre o passado conduz a passos em falso, erros, inextrincáveis situações, perdas de tempo, soluções desajustadas, experiências dispensáveis por repe-

tidas, etc., e tudo isto por não existir o amadurecimento e equilíbrio que fornece a valorização do passado frente ao futuro que se pretende moldar.

De resto, com o próprio homem, individualmente, isto de certo modo sucede. O homem maduro, experiente, com sabedoria, não comete os erros que durante algum tempo na juventude o caracterizaram na procura de si próprio.

Esta fase que todos transpomos mais ou menos rapidamente, deixa sempre saudades, enriquece o ser humano e colabora na sua transformação de jovem em adulto.

E se assim é com a pessoa humana, em que a experiência pessoal completa a personalidade, assim também o conhecimento histórico proporciona meios para que os povos possam escolher a orientação política adequada, traçando o seu futuro de maneira conveniente.

Portugal e os portugueses vivem um momento importante na sua história pois de há cinco anos a esta parte tentam uma vinculada transformação política. Esta, muito embora durante algum tempo titubeante, leva agora uma direcção balizada para a democracia.

O caminho não tem sido fácil e os obstáculos a vencer, desde a instabilidade governativa até à crise económica, exigem para além doutras qualidades e remédios vários, uma identidade nacional forte e um amor à Pátria profundo. No nosso caso, um portuguêsismo até à medula, pois senão faltar-nos-á a força suficiente para manter a independência nacional e também, não conseguiremos suplantar aiosamente, por exemplo, as consequências da necessidade de recorrer ao FMI para negociar um vultuoso empréstimo que os mais competentes técnicos económico-financeiros nacionais julgaram imprescindível para Portugal.

E é em conformidade com estas considerações que enquadro uma das importantes funções deste Congresso.

Aprofundar a história, justamente naquilo que ela tem de mais genuinamente português — «a fundação da nacionalidade». — Nessa altura, um punhado de bravos em campos de Guimarães afirmou a sua vontade de ser País, representando bem o querer da gente de Entre Douro e Minho. Este acontecimento constitui matéria importante de meditação para quem, como todos os portugueses e 850 anos depois de S. Mamede, têm de defender os valores nacionais.

E nesta hora bem difícil é conveniente irem os Portugueses beber, nestas páginas imorredoiras da nossa história, a vontade de continuarmos Portugal, para não desmerecermos quem o construiu.

Os organizadores e os congressistas não deixaram escapar esta oportunidade de exaltação patriótica, cabendo aos homens públicos darem àquilo que foi somente cultural, a dimensão política que acharem conveniente.

E eu trago a esta Câmara a lembrança destes factos para que os representantes do povo levem aos seus representados, vinda de Guimarães, a frase que todos devem sentir: — «Queremos ser Portugal e com os olhos postos no passado, saberemos continuar a sê-lo no futuro».

Do valor cultural do Congresso darei uma breve nota, não só

por espírito de justiça para com os organizadores mas também, para com os congressistas. Estes foram mais de 100 de vários pontos de Portugal e do Brasil, tendo vindo historiadores de Espanha, França, Itália, Alemanha, Estados Unidos da América e Canadá.

Julgo estar desinserido das funções desta Câmara o apresentar um estudo meticoloso e especializado do conteúdo das várias teses. Seria presunção e aos historiadores e em local próprio compete essa tarefa.

Contudo, como político, julgo que devo tirar algumas conclusões do nível cultural atingido.

A primeira, o prestígio, outra vez enriquecido, duma região tão portuguesa — «Guimarães, o nosso berço» — mercê do valor e mérito dos seus filhos de antanho, companheiros de D. Afonso Henriques e cujo valor foi realçado durante estas jornadas.

A segunda, a demonstração mais uma vez repetida do valor dos nossos arquivos, invejados por muitos estrangeiros, consultados por outros tantos, património que urge conservar, defender, acarinhar e divulgar pois a todo o povo pertence.

A terceira, a necessidade de vitalizar a divulgação do nosso património artístico e histórico, aproveitando as pessoas competentes e as regiões adequadas.

Senhor Presidente, Senhores Deputados:

Para terminar esta análise do espectro cromático (permita-se-me a comparação), direi algumas palavras sobre Guimarães das muitas que esta terra merece.

Diz a história e neste Congresso mais uma vez se verificou que Guimarães no decurso destes nove séculos de Portugal tem sido, várias vezes, centro irradiante de cultura.

Cito, por exemplo, o que contribui para isso o facto de muitos Priores da Colegiada de Guimarães terem sido homens eruditos tal como D. Pedro Amarelo, médico do Conde D. Henrique e Pedro Hispano, versado em Medicina, matemático e filósofo, defusor de Aristóteles e, mais tarde, Papa com o nome de João XXI.

Lembro, também, que em Montemor-o-Novo e em 12 de Novembro de 1288 foi o D. Prior de Guimarães um dos signatários da petição ao Sumo Pontífice para a criação de uma Universidade em Portugal.

Fê-lo em conjunto com o Abade de Alcobaça, o Prior de Santa Cruz de Coimbra, o Prior de S. Vicente de Lisboa, o Prior de Santarém e isto por ser Guimarães, na sua Colegiada, um dos polos da Cultura Portuguesa.

Também em meados do século XVI, o Mosteiro de Santa Marinha da Costa reuniu uma pléiade de intelectuais (entre outros, Frei Diogo de Murça, Frei Bras de Barros, e Frei Heitor Pinto) que, mais tarde, dispersou pelo País difundindo os seus conhecimentos e biblioteca o que muito enriqueceu a Universidade de Coimbra.

Em Guimarães e em épocas recentes, existiram homens que podemos rotular como notáveis historiadores e arqueólogos, tais

como Martins Sarmento, João da Meira, Abade de Tagilde, Alfredo Pimenta, Alberto Sampaio, Luís de Pina, etc.

Possui, esta cidade, um magnífico património artístico, patente não só nas suas ruas, como também nos seus museus e igrejas. É habitada por gente laboriosa e empreendedora, criando muita riqueza, dignificando Portugal pelo seu trabalho e contribuindo para o seu enriquecimento.

A indústria têxtil, as cutelarias, os cortumes e tantas outras actividades têm neste concelho núcleos de produção importantes. São mais de 400 unidades industriais que empregam algumas dezenas de milhar de pessoas.

Por tudo isto se verifica que, em Guimarães, existem aliadas duas situações que, provavelmente, não é comum encontrarem-se. Por um lado, uma riqueza espiritual muito grande (constituída pelas tradições culturais, arquivos, descobertas arqueológicas e valores artísticos); por outro lado, uma capacidade de trabalho das maiores de Portugal.

Valores congregados, ambos de alto nível.

Senhor Presidente,
Senhores Deputados:

Posto isto e depois da sumária descrição dos três ramos da frondosa árvore que referi no início da minha intervenção, falarei um pouco dos frutos que se desejam.

Sinteticamente e para já direi que o que é necessário é pôr ao serviço deste povo tão laborioso todo o manancial cultural desta terra. Que ele existe é indiscutível, que as elites intelectuais o conhecem, o discutem, o analisem, é um facto mas o que é duvidoso é que o benefício de tantos valores atinjam grandes camadas da população.

Aqui e além o povo de Guimarães dá mostras da sua sensibilidade artística, vejam-se e ouçam-se os coros de operários da Coelima e da Somelos ou os de freguesias como o de S. Pedro de Azurém, apreciem-se a exposição de alfaia agrícola antigas de S. Eulália de Fermentões, constate-se o interesse despertado pela exposição de Arte Sacra na Igreja de S. Francisco. Isto para citar só exemplos muito recentes.

Tais factos provam o interesse da população por este tipo de actividades a que julgo ser um dever dar a resposta adequada.

O Congresso emitiu o voto para que fosse criado o *Instituto História de Guimarães e a Faculdade de Arqueologia e História*, baseada esta no labor e património da *Sociedade Martins Sarmento*.

Suponho que estes votos vêm ao encontro do querer e interesse das gentes de Guimarães e serão uma das maneiras possíveis de generalizar a cultura e incentivar as iniciativas correspondentes.

Suponho que é de toda a justiça que este Parlamento leve em conta tais votos, os estude e apoie e apresente até projectos que os satisfaçam.

Se isto se não fizer desperdiçam-se valores humanos que poderão não ser substituídos, não se aproveitando monumentos e documentos que o tempo por falta de cuidado poderá levar ao desaparecimento.

Neste caso e por paradoxal que pareça é o uso que gera a conservação, pois todos sabemos que o abandono é a mais importante causa de deterioração.

E para terminar desejava dizer que pela parte do CDS foi esta minha intervenção, o primeiro passo, pioneiro numa viagem que desejo não muito longa, contudo firmemente planeada, que servirá para honrar Guimarães o que é sinónimo de glorificar Portugal.

A propósito da criação de um Instituto Histórico, velha ideia da Sociedade Martins Sarmento, que a apontou atempadamente à Comissão Organizadora do Congresso, transcreve-se o officio oportunamente enviado ao Rev. D. Prior da Colegiada.

Ex.^{mo} Senhor

D. Prior da Colegiada de Guimarães

Presidente da Comissão Organizadora do Congresso Histórico comemorativo dos 850 anos da Batalha de S. Mamede, a realizar em Junho de 1979.

Para conhecimento e consideração de V. Ex.^a e dessa Comissão, permito-me remeter o teor de uma proposta, discutida e aprovada por unanimidade pela Direcção desta Casa.

«O INSTITUTO DE HUMANIDADES»

A instalação nesta cidade de estudos técnicos universitários, integrados na Universidade do Minho e só estes mais nos determina no sentido de dar andamento a esta velha ideia, que não é nossa nem de agora, porque é de Martins Sarmento, quando por testamento lega à Instituição o seu magnífico prédio do Largo do mesmo nome, com a obrigação por ele expressa, de ser nele instalado um Instituto de natureza cultural.

Este imóvel é exactamente aquele onde durante muitos anos funcionou a Câmara Municipal e mais tarde a Repartição de Finanças do concelho, por acordo de cedência gratuita, estabelecido da forma estritamente colaborante entre o Município e a Sociedade. Acontece que este prédio foi muito danificado por um incêndio e embora tenha uma cobertura nova, construída com a verba do seguro, não está mais em condições de ser utilizado, exigindo obras de grande vulto, que estão fora do alcance das possibilidades da Instituição.

Por outro lado as pessoas que trabalham nesta Casa e de uma forma geral todos os vimaranenses cultos e ciosos dos seus Homens do passado, que foram figuras brilhantíssimas das Letras e das Artes portuguesas entre os quais mencionamos algumas nomes como o do nosso próprio patrono. Alfredo Pimenta, Alberto Sampaio, o Abade de Tagilde, Alfredo Guimarães, os Meires, Alberto Vieira Braga e outros mais recuados como Ferreira Caldas, Torcato de Azevedo, Gaspar Estaço e muitos, muitos outros, sabem perfeitamente que Guimarães tem uma tradição bem vinculada ao domínio das Humanidades, agora prosseguida pela nossa Insti-

tuição onde a «Revista de Guimarães», pelo seu valor e projecção aquem e além fronteiras ganhou jus à fama de ser a melhor e mais conhecida publicação científica da especialidade.

Sente-se, pois a necessidade imperiosa de prosseguir essa vocação, isto é entende-as que é chegada a altura de se pensar na componente humanística do ensino técnico implantado.

Surge assim a ideia deste empreendimento, que seria a criação de um novo e moderno organismo cultural. Resolveria por sua vez problemas urgentíssimos para o prosseguimento da investigação histórica, nomeadamente o que respeita à recolha de toda a documentação dispersa sobre Guimarães, que é o mesmo que falar sobre as origens de nacionalidade.

Assim o Arquivo da Real Colegiada, que está esquecido na Torre do Tombo; Os Livros dos Resíduos e Capelas, que estão mal acondicionados na Biblioteca Pública de Braga; os Livros do Registo da Mitra, respeitantes a Guimarães, que estão muito desprezados no Arquivo Episcopal; o próprio Arquivo Municipal, tão mal instalado e sujeito ao fogo numa dependência imprópria dos Paços do Concelho, tudo isto e muito mais que se poderia reunir e são os verdadeiros valores morais desta Terra, passaria a ter espaços próprios com meios de consulta fáceis e cómodos. É neste imenso património à disposição dos investigadores, transformar-se-ia, dentro em pouco, num florescente centro de cultura.

É a razão porque atendemos que a convergência de esforços do Estado, por intermédio da Secretaria de Estado de Cultura, da Autarquia Municipal, da Universidade do Minho, da Colegiada de Guimarães e desta nossa Instituição, seria possível levar-se avante esta ideia para a qual não será muito difícil augurar um bom futuro.

Sumariamente poderíamos expressar os seus fins da seguinte forma:

— Prosseguir essencialmente o desenvolvimento e cultura humanística, com incidência na investigação histórica, para o conhecimento mais exacto das origens de Guimarães e da própria nacionalidade;

— Recolher e preservar todo o património documental disperso relativo a Guimarães, oferecendo-lhe boas condições de condicionamento e consulta por forma a ficarem à disposição de todos aqueles que desejem prosseguir estudos de investigação.»

Ora estando em fase de preparação o Congresso Histórico, acontecimento que certamente vai prender a atenção do país pela relevância da efeméride e pela importância dos temas que se propõe tratar é lógico que as pense desde já em algo que no seu final perdure e assinalo o acontecimento, que assinala este esforço extraordinário e altamente louvável dessa Vetusta Colegiada. A nossa proposta preencherá esse vazio se V. Ex.^a e a Comissão do Congresso lhe derem o seu apoio.

Com os melhores cumprimentos

O Presidente da Direcção
(Eng.^o José Maria Gomes Alves)

E ainda sobre o mesmo assunto e o da criação do Museu Monográfico da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso.

MEMORIAL dirigido ao Ex.^{mo} Senhor Eng.^o Mário de Azevedo — Secretário de Estado das Obras Públicas.

A Sociedade Martins Sarmento, Instituição cultural de utilidade pública, com sede em Guimarães, pretende lançar dois empreendimentos, para os quais já obteve informação favorável da Secretaria de Estado da Cultura. São eles:

- A criação de um *INSTITUTO DE HUMANIDADES*;
- A criação do *MUSEU MONOGRÁFICO DA CITÂNIA DE BRITEIROS E DO CASTRO DE SABROSO*.

Assim para o primeiro caso a Instituição põe à disposição o seu magnífico prédio do Largo Martins Sarmento (onde já funcionou a Câmara Municipal) e propôs a elaboração de um protocolo de colaboração entre a Instituição e mais as seguintes entidades interessadas:

Secretaria de Estado da Cultura;
Câmara Municipal de Guimarães;
Universidade do Minho;
Colegiada de Guimarães.

Este novo órgão cultural, muito semelhante ao que existe no Porto e se denomina Centro de Estudos Humanísticos, corresponderia à legítima aspiração de Guimarães em matéria de investigação e cultura e possibilitaria o regresso à origem de todos os velhos documentos e manuscritos desta Terra espalhados pelo país (e tal mal acondicionados), nomeadamente os que estão na Torre do Tombo (Arquivo da Colegiada, onde está grande parte da história das origens de Guimarães que é o mesmo que

falar das origens de Portugal), na Universidade de Coimbra, na Biblioteca Pública de Braga (os célebres Livros dos Resíduos e Capelas — história do meio rural vimaranense), nos Arquivos do Paço Episcopal bracaraense, etc., etc.

Tudo isto infelizmente muito mal estimado e quase inacessível, como está o próprio Arquivo Municipal de Guimarães, actualmente instalada num autêntico armazém, susceptível de um desastre por incêndio de um momento para o outro.

Seria também uma magnífica contrapartida de equilíbrio indispensável para o ensino técnico universitário aqui instalado, bem como serviria para proporcionar e incentivar uma tradição no domínio das letras que aqui sempre houve e de são testemunho os valores intelectuais do passado e do presente.

Para o segundo caso, o da criação do MUSEU MONOGRÁFICO, esta Instituição põe à disposição o seu Solar de Briteiros (belo prédio de arquitectura senhorial do séc. XVIII). Esta ideia tem já a aprovação da Secretaria de Estado da Cultura e da Câmara Municipal, tendo o respectivo projecto sido cometido ao GAT por decisão da Autarquia.

Posto isto, muito sucintamente, solicita-se o apoio indispensável de Sua Excelência o Secretário de Estado das Obras Públicas, naquilo que for possível.

Guimarães, 30 de Março de 1979.

O Presidente da Direcção
(*Eng.º José Maria Gomes Alves*)

A título de registo passamos também a deixar aqui consignado o TEMÁRIO DO CONGRESSO HISTÓRICO

I

GUIMARÃES NA HISTÓRIA NACIONAL

- 1) Primórdios de Guimarães: a Reconquista Cristã, Vímara Peres, a Condessa Mumadona e seus descendentes.



Congresso Histórico (Visita à Sociedade Martins Sarmento)

- 2) A Batalha de S. Mamede e a fundação de Portugal.
- 3) Vida municipal, estratos sociais e organização concelhia.
- 4) Vida económica local: agricultura, comércio e indústria.
- 5) Mesteres, ofícios, artes mecânicas e outras ocupações da população de Guimarães.
- 6) Relações sociais e económicas com o Noroeste peninsular.
- 7) Tradições religiosas: sua origem, culto e irradiação.
- 8) Confrarias, hospitais, academias e outras instituições de assistência e cultura.
- 9) Relações culturais de Santa Marinha da Costa com a Universidade e outras Escolas do País e do estrangeiro.
- 10) Biografia de vimaranenses ilustres e estudos das instituições locais.
- 11) Inventário de fontes históricas e de bibliografia especializada.

II

O MOSTEIRO E A COLEGIADA

- 1) História interna: O Mosteiro da Reconquista e colonização do Noroeste peninsular e a sua transformação em Colegiada.
- 2) Aspectos da vida conventual: património, estudos, biblioteca, organização e outras actividades.
- 3) Relações com a Coroa: doações e visitas régias, papel da Colegiada na história nacional.
- 4) Relações com a Igreja, especialmente com o Arcebispo de Braga: dióceses, freguesias, conventos e outros institutos religiosos.
- 5) Relações sociais e económicas da Colegiada com a nobreza local e regional.

- 6) Tradições religiosas, milagres e peregrinações.
- 7) A Colegiada, as artes plásticas e a Música.
- 8) Biografia de Priores e religiosos ligados à Colegiada.
- 9) Inventário de fontes históricas e de bibliografia especializada.

A Sociedade Martins Sarmento dignou-se participar nos trabalhos de organização deste memorável Congresso, tendo tido a honra de pertencer à sua Comissão Organizadora, na pessoa do seu Presidente da Direcção.

Para finalizar esta breve notícia, inserimos as CONCLUSÕES, dado que as ACTAS DO CONGRESSO, nos fornecerão os pormenores circunstanciados de todos os variados actos deste Encontro de especialistas nacionais e estrangeiros.

VOTOS DO CONGRESSO

— Tendo sido demonstrado nas várias sessões do Congresso o valioso contributo oferecido por Guimarães, durante séculos, à Cultura Portuguesa, designadamente das Escolas da Colegiada, dos Estudos Universitários de Santa Marinha da Costa, do ensino conventual e, mais recentemente, do grupo da Sociedade Martins Sarmento;

Considerando a importância económica e populacional da região de Guimarães e a carência que nela se faz sentir de elementos terciários para assegurar as crescentes necessidades das suas estruturas;

Considerando ainda, que a Universidade do Minho está levando a cabo o desenvolvimento de sua instalação;

O Congresso formula o VOTO de que, na distribuição dos sectores do Ensino Superior se atenda ao valor global da cidade e região de Guimarães — mesmo na realidade nacional.

Tendo em conta a riqueza arqueológica e a tradição cultural, ultimamente tão valorizadas pela escola de Martins Sarmento, Guimarães merece e o Congresso emite o VOTO da instalação de uma Faculdade de Arqueologia e História, com vista à concessão de licen-

ciaturas das referidas especialidades e de cursos post-graduação que levem ao doutoramento.

— *Considerando* a projecção histórica e cultural do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, onde funcionaram os Estudos Universitários, a cargo dos monges de S. Jerónimo, no período de 1537 a 1550;

Considerando que, durante o período referido, aquela Instituição concedeu, por autorização régia e confirmação papal, os graus académicos de bacharel, licenciado, mestre e doutor em Artes e Teologia, com valor idêntico aos concedidos pela Universidade de Coimbra;

Considerando que figuras ilustres da Cultura Portuguesa do Renascimento, como os doutores Frei Diogo de Murça, Frei Brás de Bassos, Frei Heitor Pinto, Mestre Pedro Margacho, e outros viveram e ensinaram à sombra do referido mosteiro;

Considerando que a influência de Santa Marinha da Costa se estendeu por vários domínios culturais, continuamente, desde o séc. XVI até à extinção das Ordens Religiosas;

O Congresso emite o seguinte VOTO:

- a) que se proceda ao inventário bio-bibliográfico dos mestres e dos escolares de Santa Marinha da Costa, incluindo a sua origem e distribuição geográficas.
- b) que se proceda à reconstituição sistemática da sua vida conventual e pedagógica.
- c) que se efectue, no país e no estrangeiro, o levantamento das fontes que testemunham a referida actividade cultural, de molde a organizar um Corpus documental sobre o Mosteiro de Santa Marinha da Costa.

Considerando o valor histórico e cultural da cidade de Guimarães;

Considerando a conveniência e até a necessidade de organizar um estabelecimento público de carácter cultural que recolha, guarde e aproveite de forma criteriosa e adequada, todos os documentos históricos referentes a Guimarães, e promova regularmente cursos, conferências, simpósios, congressos e publicações;

Considerando a destacada vantagem de serem concedidas bolsas de estudos e subsídios especializados para trabalhos de investigação e documentação relativos à História de Guimarães e às suas relações com a História de Portugal;

O Congresso emite o seguinte VOTO:

— Que seja criado o Instituto Histórico de Guimarães, na dependência da Secretaria de Estado da Cultura, por diploma legal em que sejam consignados os seus fins e indicada a massa documental que lhe ficará a cargo.

Considerando que numerosos monumentos e igrejas que os congressistas visitaram foram objecto de obras e meritórios cuidados da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais;

Considerando que o magnífico património artístico e cultural da cidade e região de Guimarães deve ser preservado e rapidamente defendido e consolidado, em especial a Igreja do Carmo, a Igreja da Misericórdia, a Capela de Nossa Senhora da Conceição e o tecto da Sacristia do antigo Convento dos Capuchos:

O Congresso emite o seguinte VOTO:

- a) Que, em nome do Congresso, seja dirigida à Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, uma palavra de agradecimento e de louvor pela obra já realizada em Guimarães;
- b) Que se solicite ao Ministério das Obras Públicas que sejam mantidos, intensificados e acelerados os trabalhos de reparação e restauro dos Monumentos de Guimarães.

Este Congresso intitulou-se de Guimarães e a sua *Colegiada*. A História de Guimarães, e mesmo a de Portugal nos primeiros tempos, é inseparável da sua Colegiada. Foi esta durante séculos grande centro de irradiação espiritual e cultural. Os maiores personagens da História de Guimarães, como por exemplo — e para salientar apenas um nome — o Papa João XXI único Papa português da história. Nestas condições o Congresso emite o VOTO de que, na continuidade das suas mais lídimas tradições, seja a Colegiada rejuvenescida e vivificada no mais curto prazo possível.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DO PINTOR VIMARANENSE — JOSÉ DE GUIMARÃES — 10 Anos de Pintura (1968-9178)

Integrada nas Comemorações dos 850 Anos da Batalha de S. Mamede, cujo ano jubilar se completou em 24 de Junho de 1979, a Sociedade Martins Sarmento, subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura e pela Fundação Calouste Gulbenkian, levou a efeito no seu Salão de Exposições temporárias, uma notável exposição da obra plástica do ilustre vimaranense, Coronel José Maria Fernandes Marques, mais conhecido no meio artístico nacional e internacional por *José de Guimarães*.

Este acontecimento, que teve o seu acto inaugural no dia 6 de Junho de 1979, com a presença das autoridades da cidade, Direcção e sócios da Instituição, muito público e pessoas convidadas, constituiu assinalável êxito cultural. Na oportunidade foram proferidas algumas palavras de elogio e agradecimento ao artista, ao que se seguiu a visita, com notas de esclarecimento pelo Prof. Fernando Pernes.

A Exposição compreendeu:

- Pintura — cerca de 50 quadros, com dimensões variáveis entre 60 × 40 cms e 2,20 × 30 cms.;
- Obra gráfica — cerca de 50 desenhos e gravuras;
- Objectos — cerca de 20 pequenos objectos artísticos em madeira e alumínio.

A selecção das obras foi feita pelos Prof. Doutor José Augusto França, pelo Pintor Fernando de Azevedo e pelo Prof. Fernando Pernes.

O Catálogo de esmerado aspecto gráfico, criteriosamente elaborado pelo crítico de arte, Prof. Fernando Pernes, que lhe introduziu um texto inédito, reproduz o maior número possível de obras a preto e branco e a cores. Além, naturalmente, de elementos bio-bibliográficos do artista, incluiu ainda excertos de textos de Fernando de Azevedo, de Marcel Van Jole, de Remi de Cnodder e René Micha e ainda de José Augusto França, que a dado passo numa apreciação à obra «*Apresentação do Retrato de Maria de Medicis a Henrique IV*» diz:

«Do jogo divertido das imagens e das suas sugestões, em carnes e côres, olhadas e gestos, Guimarães foi fazendo o seu próprio mundo, num outro jogo pessoal, que vem desenvolvendo há meia dúzia de anos, com lógica e experiência, fazendo com ele a mão e a ele o espírito que neste «divertissement» rubensiano adquire agora, uma responsabilidade semântica maior».

Para finalizar refere-se que esta Exposição foi montada com a colaboração dos serviços técnicos da Fundação Calouste Gulbenkian, e daí a sua magnífica apresentação. Foi visitada e comentada favoravelmente por vários milhares de pessoas.

EXPOSIÇÃO DO PINTOR VIMARANENSE ISABELINO

Realizou-se no Salão de Exposições temporárias, da Sociedade Martins Sarmento, de 28 de Julho a 11 de Agosto, do ano corrente, uma Exposição de pintura do artista José Isabelino Martins Coelho, natural da freguesia da Oliveira da cidade de Guimarães.

Compreendeu 36 obras de pintura, constantes do Catálogo expressamente elaborado pela Instituição.

Este artista, aqui recebido de forma carinhosa, por se tratar de um vimaranense, apresenta um curriculum muito interessante, expressão de uma vida inteira de dedicação à arte, com Exposições individuais e colectivas, em que obteve variados prémios e menções honrosas.

No acto da inauguração, para o qual foram convidadas as autoridades locais, os sócios da Instituição e outras pessoas de representação, foram proferidas algumas palavras de apresentação do artista e elogio da sua obra, incumbência de que se desempenhou o Presidente da Instituição.

Foi com geral agrado que se manteve aberta ao público para além da data fixada para o seu fecho, sendo de mencionar o mérito de que disfruta já este artista entre os amadores deste tipo de arte «naïff», com personalidade muito própria de sentido humano e intencional.



Exposição de Pintura de «Isabelino» — (Abertura)

I ENCONTRO DE NUMISMATAS

Decorreu em 27 e 28 de Outubro de 1979, na sede da Sociedade Martins Sarmento o anunciado I ENCONTRO DE NUMISMATAS do país, dirigido a todas as pessoas e entidades interessadas nesta modalidade cultural.

Transcreve-se a respectiva circular convite.

CIRCULAR N.º 1

27 e 28 de Outubro de 1979

A SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, Instituição Cultural, que V. Ex.^a certamente conhece pelo seu largo contributo a favor da cultura portuguesa, nomeadamente no campo das ciências humanísticas, pretende levar a efeito, no próximo mês de Outubro um ENCONTRO DE NUMISMATAS, reunião de carácter científico, dirigida exclusivamente a especialistas e coleccionadores, com o seguinte programa:

Dia 27—Sábado—10 horas—Recepção aos participantes, entrega de pastas e outra documentação.

11,30 h.—Sessão inaugural de abertura da nova Secção, com homenagem ao numismata Dr. José de Barros.

15 às 19 h.—Apresentação de comunicações e comentários.

21 horas—Visita à cidade velha.

Dia 28—Domingo—10 h.—Abertura da Feira de Moedas que decorrerá durante todo o dia e encerrará às 24 horas.

10,30 h.—Sessão Plenária do ENCONTRO — elaboração das Conclusões.

13 horas—Beberete e confraternização.

O objectivo fundamental do ENCONTRO será o de congregar esforços no sentido de dar à Numismática uma renovada atenção, como ciência perfeitamente definida ao serviço da História e bem assim permitir um mais amplo contacto entre pessoas interessadas no desenvolvimento desta ciência.

Postos assim em linhas muito gerais, o programa e os objectivos desta iniciativa que vai ser submetida à consideração de Secretaria de Estado da Cultura e de algumas Entidades e Instituições que se tem manifestado interessadas em nos dar colaboração nomeadamente a Assembleia Distrital de Braga, a Fundação Calouste Gulbenkian, Sociedade Portuguesa de Numismática e o Museu Numismático Português, permitimo-nos convidar V. Ex.^a a participar neste ENCONTRO, apresentando ou não uma comunicação escrita para ser incluída nas respectivas actas.

Solicita-se a devolução da ficha junta, devidamente preenchida, até ao dia 10 de Outubro próximo, dirigida à Comissão Organizadora do I ENCONTRO DE NUMISMATAS — Sociedade Martins Sarmento — Guimarães.

Subscreve-se com a maior consideração.

O Presidente da Direcção da S. M. S.

(Eng. José Maria Gomes Alves)

No dia 27, como estava programado, realizou-se a Sessão Solene de abertura dos trabalhos, ficando repleto o Salão Nobre com a presença dos participantes e das personalidades convidadas.

A Mesa ficou assim constituída: a presidir o Prssidente da Câmara Municipal de Guimarães; imediatamente à sua direita o homenageado Dr. José de Barros e logo a seguir o Dr. Mário de Almeida, Presidene da Sociedade Portuguesa de Numismática; imediatamente à esquerda



.º Encontro de Numismatas realizado nesta sociedade nos dias 27 e 28 de Novembro de 1979

o Presidente da Sociedade Martins Sarmento e logo a seguir o Dr. Rui Centeno, da Faculdade de Letras do Porto.

Iniciou a série de discursos o Presidente da Sociedade Martins Sarmento que disse:

«Começamos naturalmente por saudar todos os presentes de uma forma geral, mas permita-se-me que destaque a pessoa do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães que se dignou presidir a esta sessão.

V. Ex.^a com a sua presença muito nos honra e confere a estas jornadas a importância e brilho que elas efectivamente vão procurar ter.

Estamos-lhe gratos bem como a todos os representantes das Instituições convidadas que aqui vieram.

Aos participantes neste *Encontro* agradecemos o contributo que de certo nos vêm trazer e apenas lhes pedimos que se sintam como em vossas casas. A Sociedade Martins Sarmento procurará oferecer-vos o seu melhor, honrando o passado hospitaleiro desta velha cidade de Guimarães.

Minhas senhoras e meus senhores:

Ao iniciarmos os trabalhos deste I ENCONTRO DE NUMISMATAS, integrado no plano das actividades culturais desta Instituição, tivemos vários objectivos, a saber, primeiro dar a conhecer a nossa remodelada secção de numismática, parcela importante do conjunto de acções que visam uma transformação radical dos nossos museus; depois, procurar conjugar esforços no sentido de dar à Numismática uma renovada atenção, tirando-a de certo marasmo em que vive e conferindo-lhe o lugar que efectivamente tem no conjunto das ciências auxiliares da História e por fim proporcionar e conseguir um mais amplo contacto entre as pessoas interessadas e são muitas neste País, no seu desenvolvimento e expansão.

É certo que nem sempre tem sido cultivada com espírito científico, sendo mais vulgar o interesse simples de coleccionador; hoje, contudo, atingiu foros de ciência perfeitamente definida e faz parte dos cursos universitários de letras.

No sentido mais amplo, a Numismática, do latim, Numus-Numisma-Moeda, tem como objectivo classificar, descrever, interpretar, em suma estudar sob todos os aspectos, não só as moedas, como as medalhas, as contas, os tentos, as fichas, as senhas de várias espécies, etc., etc., optando-se por dividi-la em três grandes grupos fundamentais:

a *Numismática propriamente dita* — que trata as moedas, as notas de banco ou papel moeda, as cédulas de troca, etc.;

a *Medalhistica* — que trata, obviamente das medalhas de todos os tipos e simbologias;

a *Tesserologia* — que se ocupa das contas, dos tentos, etc.

O carácter quase inalterável dos objectos que a Numismática estuda permite-lhes constituir um precioso testemunho sobre a Geografia, a História, a Iconografia, o Estudo das Religiões e dos costumes, da História da Arte e do conhecimento do comércio, o peso das ligas empregadas, a repartição dos achados monetários e a difusão de tal ou tal espécie.

Esta ciência tomou, depois do século XVI um certo desenvolvimento com os estudos, mais económicos que morfológicos de Guillaume Budé e sobretudo de Eckhel — 1792 a 1798 e de Mionnet — 1819 a 1839. Depois sucedem-se os estudos aprofundados que ficaram como obras de base, verdadeiros tratados, espalhados pelas grandes cidades do Mundo Ocidental.

Modernamente, a Numismática, está sistematizada da seguinte forma:

— *Numismática Oriental* — a que diz respeito aos povos que não sofreram a influência clássica;

— *Numismática Clássica* — a que respeita aos Gregos e Romanos;

— *Numismática Medieval* — que diz respeito ao período que vai desde a queda do Império Romano até ao século XVI;

— *Numismática Moderna* — que inclui o séculos XVII e XVIII; e finalmente

— *Numismática Contemporânea* — dos séculos XIX e XX.

Minhas senhoras e meus senhores:

Nesta hora, lá do seu assento etéreo, o nosso Abade de Tagilde, exultará de satisfação por nos ver aqui reunidos neste acto de abertura do I ENCONTRO DE HUMISMATAS; e sentirá muita satisfação pela atenção que estamos a dar de novo à Secção de Numismática, desta Casa que ele tão bem conheceu e primeiro organizou.

Efectivamente, foi este insigne Homem de Guimarães que fez o primeiro Catálogo das Moedas e Medalhas Portuguesas e Estrangeiras, que são propriedade desta Casa.

Daí para cá a Secção teve bons e maus momentos!

Beneficiou de uma exposição considerada muito razoável no seu tempo, declinou, como tudo neste mundo e chegou a passar por muitas vicissitudes e contrariedades que só a prejudicaram e depreciaram, até este momento em que de novo a procuramos elevar.

Primeiro os roubos! Perderam-se valiosíssimas espécies!

Depois uma certa incúria, mais determinada pela primazia dada a outros interesses e finalmente o anacronismo, a inadequação do conjunto dos velhos expositores que não contemplavam no mínimo as modernas regras museológicas.

Tudo isto prejudicou as colecções. Levou a um evidente desinteresse e nos incitou agora a intervir e a dar novo rumo mais actual à Secção.

É a razão porque desde logo, no âmbito da reorganização e



1.º Encontro de Numismatas realizado nesta Sociedade nos dias 27 e 28 de Novembro de 1979

modernização dos nossos Museus e imediatamente após a reintegração do Museu Arqueológico, se procedeu ao estudo e nova orientação a dar à Secção de Numismática e Medalhística.

O que vos iremos mostrar hoje é o produto desse trabalho, executado com muito esforço pessoal, e destaque, porque é muito justo que o faça, o contributo decisivo do meu colega da Direcção, Salgado Guimarães e a ajuda importantíssima da Fundação Calouste Gulbenkian.

Temos, e de novo deixar bem vincada uma palavra de reconhecimento agradecimento à benemérita Fundação; à Assembleia Distrital de Braga, que também se dignou compartilhar a reinstalação, com uma pequena verba, é também devido o nosso reconhecimento.

Minhas senhoras e meus senhores:

Este conjunto de expositores, encerra, na sua maior parte, uma grande e importantíssima colecção. A colecção excepcional e talvez única no país do Dr. José de Barros, nosso consócio e grande Amigo da Instituição.

Sem querer ofender a modéstia do grande coleccionador, que nos deu o grato prazer de estar entre nós, entendo que não posso, neste acto simples e nesta oportunidade, deixar de proferir as palavras de apreço e extraordinária admiração em que o temos.

Este Homem, ao longo de toda a sua vida, dedicou-se à Numismática e fê-lo com inteligente proficiência, fê-lo no verdadeiro sentido cultural, que deve ser o principal objectivo do coleccionador.

As espécies pouco a pouco, mas pacientemente recolhidas, eram estudadas e catalogadas de forma sistemática e objectiva, sempre de forma a constituir o suporte da sua cultura de historiador e humanista.

O Dr. José de Barros é o magnífico exemplo de perseverança como coleccionador útil, é certamente um dos melhores exemplos a apontar àqueles que deste ramo da ciência querem tirar algum proveito.

Ao consentir que, nesta oportunidade e nesta hora em que reabrimos ao público a nossa remodelada Secção pudéssemos ter o grande prazer intelectual de apreciar as suas colecções, temos necessariamente de lhe oferecer a nossa sincera contrapartida de reconhecimento. É mais uma prova do seu carácter generoso, bem consciente do seu trabalho que assim posto à disposição de todos, constitui elemento de interesse e estudo, indubitavelmente importante para o progresso e conhecimento desta admirável Ciência.

V. Ex.^a presta um serviço de grande valor à comunidade. Estamos-lhe muito gratos por isso; permita que lhe dê um grande abraço».

Seguiu-se no uso da palavra o Doutor Mário Santos de Almeida, Presidente da Sociedade Portuguesa de Numismática, que elogiou a iniciativa da Sociedade Martins Sarmento, proferiu palavras de muito apreço

para o Doutor José de Barros e fez algumas considerações sobre a Numismática.

Falou ainda o Presidente da Câmara que se referiu ao momento cultural que se vive na cidade e louvou a Sociedade Martins Sarmento.

Finalmente, o homenageado, Dr. José de Barros agradeceu e destacou a importância cultural da Sociedade Martins Sarmento.

Terminada a sessão solene procedeu-se à inauguração da Secção de Numismática, em que se integra a valiosa colecção do Dr. José de Barros, o que despertou em todos os assistentes o mais justificado interesse e as mais elogiadas referências.

Durante o resto do dia foi feita a apresentação das comunicações por muitos dos Numismatas presentes no Encontro, cuja discussão se prolongou até à noite e sempre em ambiente do maior interesse. Pelas 22 horas foi feita a anunciada visita à Cidade Velha.

NO DOMINGO A FEIRA DE MOEDAS DESPERTOU GRANDE CURIOSIDADE NO PÚBLICO

No domingo a partir das 10 horas e numa das amplas salas do rés-do-chão do edifício-sede, começou a funcionar a Feira de Moedas, que desde logo registou a afluência de muito público e se prolongou até volta da meia-noite, tendo-se verificado numerosas transacções. Pelas 11 horas e na Sala da Biblioteca realizou-se a Sessão Plenária do Encontro, a que presidiu o presidente da Sociedade Martins Sarmento, Eng.º José Maria Gomes Alves, com a aprovação das seguintes conclusões:

Nos dias 27 e 28 do mês de Outubro de 1979, promovido pela Sociedade Martins Sarmento, na sua sede em Guimarães, realizou-se o I ENCONTRO DE NUMISMATAS, ao qual acorreram numerosos especialistas e interessados e se fizeram representar algumas Instituições do país, nomeadamente:

- Sociedade Martins Sarmento;
- Sociedade Portuguesa de Numismática;

- *Clube Numismático de Portugal;*
- *Clube Fenianos Portuense;*
- *Museu Machado de Castro;*
- *Museu Alberto Sampaio;*
- *Revista Numisma.*

Teve com tema e objectivo fundamental congregar esforços no sentido de dar à Numismática uma renovada atenção, como ciência perfeitamente definida ao serviço da História e bem assim permitir um mais amplo contacto entre pessoas e entidades interessadas no desenvolvimento desta Ciência.

Atentamente escutadas e discutidas as comunicações apresentadas, em Sessão plenária, foi aprovada, por unanimidade, a seguinte moção.

— «*Sendo este o I ENCONTRO DE NUMISMATAS realizado neste país, ficou demonstrado a sua decisiva utilidade ao serviço dos objectivos propostos, pelo que é de lowar a iniciativa da Sociedade Martins Sarmento;*

— que se dê o melhor apoio à ideia da organização de um Congresso Nacional de Numismática, o qual deve ser cometido às Instituições interessadas;

— que se manifeste a todos os Departamentos, Museus do Estado e Entidades pariculares que possuam colecções de nimismática a necessidade de ser inventariado todo o património monetário, dando-se-lhe condições de exposição pública, dentro dos critérios mais modernos da ciência museológica;

— que seja encarado, nas suas implicações de interesse para a cultura nacional o problema dos achados, que se encontra mal acatelado na lei;

— que se recomende a todos os coleccionadores particulares a publicação e se possível exposição dos seus conjuntos de moedas, sem o que não será possível fazer a inventariação e estudo completo do património nacional de numismática;

— que se reabra ao público, o mais rapidamente possível o Museu Numismático Português, mantendo um horário de visita conveniente, nomeadamente aos sábados, domingos e feria-

dos; e se averiguem, sem demora as condições em que se encontra o conjunto de moedas que existem no Museu Soares dos Reis e pertence à cidade do Porto;

— que seja, imediatamente, revista a legislação que dificulta actualmente a transacção de moedas, pelo que indiscutivelmente entrava a acção cultural da Numismática».

— Os numismatas presentes no Encontro foram por fim obsequiados com um magnífico almoço volante, oferecido pela Sociedade Martins Sarmento.

COLÓQUIO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MUSEOLOGIA — LISBOA

Com a presença do representante da Sociedade Martins Sarmento, seu Presidente da Direcção, Eng.º José Maria Gomes Alves, realizou-se em Lisboa de 31 de Outubro a 4 de Novembro de 1979 no Museu de Etnologia, ao Restelo, o encontro anual dos responsáveis e interessados na problemática dos Museus Nacionais, a que foi dado o nome de COLÓQUIO APOM 79.

Ali se reuniram mais de cem pessoas inscritas de todo o país e ilhas autónomas, cumprindo um programa bem elaborado, cujo tema principal foi:

MUSEUS PORTUGUESES — Definição, Inventário, Classificação

- 1 — História e Inventário dos numerosos Museus Portugueses — tendente ao estabelecimento da *Carta Museológica e à elaboração de uma História da Museologia em Portugal*;
- 2 — Estudo do conceito de Museu e das relações funcionais entre estes, para elaboração do *Estatuto do Museu Português*;
- 3 — Análise dos Museus de que o nosso País necessita para assegurar, efectivamente, a salvaguarda de patrimónios em via acelerada de degradação e a transmissão dos nossos valores culturais próprios, tendo em vista a elaboração teórica de uma *classificação e enquadramento dos Museus existentes e dos que venham a criar-se*. Deste modo todo o Museu terá a noção da função exacta que lhe compete neste vasto conjunto.»

Expressamente convidado para participar neste colóquio verificou-se a presença do especialista jugoslavo Dr. Tibor Sekelj do Museu Etnográfico de Subotica — Jugoslávia membro do Comité Internacional de Museologia do ICOM.

Além das costumadas cerimónias protocolares que incluíram uma Sessão Solene e outras de carácter social destinadas essencialmente a convívio e troca de impressões, foram escutadas várias comunicações de muito interesse, entre as quais nos permitimos destacar a que foi proferida pelo Arquitecto António Menéres, subordinada ao tema, «*Castro Laboreiro, uma possível experiência museológica*».

Como ponto alto das visitas integradas no programa mencionamos a visita ao Museu Hipólito Cabaço, em Alenquer, Museu didático, que apesar de instalado modestamente, se apresenta modelarmente organizado e ainda a visita ao Museu da Cidade de Lisboa, no Palácio Pimenta, ao Campo Grande, recentemente inaugurado, no qual é justo distinguir uma colecção de gravuras extraordinária tendo como tema principal a cidade de Lisboa, sua vida e história.

Seguem-se as conclusões do Colóquio, lidas e aprovadas no último dia dos trabalhos.

CONCLUSÕES DO COLÓQUIO APOM/79

Condensando as propostas apresentadas nos Plenários e nos vários grupos de trabalho, apresenta o Colóquio APOM/79 as seguintes conclusões e recomendações:

1

Necessidade de, a nível oficial, ser repensada a totalidade dos Museus existentes em Portugal e a sua função cultural na sociedade em que estão inseridos.

Nesta perspectiva, oferece a APOM a sua colaboração às entidades oficiais, através da criação de grupos de trabalho que irão ocupar-se de:

- a) Recolha de dados para a revisão e permanente actualização da *Carta dos Museus de Portugal e suas regiões autónomas*,

- b) Dentro de uma óptica museológica, estudar a divisão do País em zonas culturais, a fim de determinar quais os *Museus de Região* que devem existir.
- c) Recolha e estudo de *legislação portuguesa* sobre classificação de Museus e assim como de *documentação nacional e estrangeira complementar*.

2

Necessidade de criação de um organismo, integrado na Direcção-Geral do Património Cultural que, a nível nacional, se dedique efectivamente à complexa problemática da totalidade dos Museus do País, qualquer que seja a sua dependência administrativa e financeira.

Este organismo deve ter funções de *Coordenação*, *Inspecção* e *Apoio Técnico*, devendo ser constituído respectivamente por um grupo de *Consultores* designados de entre os quadros técnicos superiores de Museologia dos vários Museus do País, por *Inspectores* nomeados com formação e prática museológica e por *Brigadas Técnicas* itinerantes, de apoio a Museus e Colecções, a criar.

3

Para além de numerosos museus de temática diversificada cuja criação necessita de estudo aprofundado referido em 1, recomenda-se a reformulação de:

- a) Museu Nacional de História Natural;
- b) Museu Nacional de Ciências e Técnicas.
- c) Museu Nacional de Arqueologia.
- d) Museu Nacional de Arte Contemporânea e a criação de:
- e) Museu Nacional de Arte Moderna.
- f) Museus de Região, a definir pela recomendação N.º 1, não esquecendo no seu âmbito secções especializadas de arqueologia industrial.

4

O APOM adopta como definição de Museu em Portugal o seguinte:

- 1 — Instituição ao serviço da sociedade, que incorpora, inventaria, conserva, investiga, expõe e

divulga bens representativos da Natureza e do Homem com os objectivos de aumentar e saber, de salvaguardar e desenvolver o património e de educar no seu verdadeiro sentido dinâmico de criatividade e cultura.

2 — Desta definição resulta que, qualquer instituição para ser considerada museu, tem de dispor de:

- *programação* coerente para exposição do seu acervo;
- *espaço* próprio adequado à colecção ou colecções que incorpora;
- *personal* em número suficiente e com preparação adequada para o desempenho das funções que lhe são exigidas de um determinado número mínimo de horas semanais de *abertura ao público*; de um
- *programa* de actividades culturais e de
- *verbas* suficientes para custear os encargos inerentes ao seu funcionamento.

1.3 — Considerando as condições especiais de alguns monumentos casas-museu e outros valores culturais que não se integram no conceito de museu definido no ponto 4.1 recomenda-se que aqueles valores fiquem adstritos a museus de região a criar urgentemente. Enquanto os museus de região não existirem recomenda-se que tal encargo seja cometido aos principais museus que servem a região.

5

O próximo Colóquio APOM deverá ter lugar nas Caldas da Rainha nos princípios de Dezembro de 1980, tendo como temática Carta dos Museus do País; seu respectivo estatuto nomenclatura e classificação.

Este estudo e análise será baseado principalmente nos trabalhos de grupo propostos nas Conclusões do APOM/79.

ACONTECIMENTOS ARQUEOLÓGICOS NACIONAIS — CAMPANHAS DE ESCAVAÇÃO

Necessariamente com algumas omissões, por simples desconhecimento, pretendemos aqui deixar consignadas algumas notícias sobre os acontecimentos nacionais mais relevantes no domínio da investigação arqueológica em campanhas de escavação realizadas durante o ano de 1979.

1. ESCAVAÇÕES NA VILLA ROMANA DE S. CUCUFATE (VIDIGUEIRA)

O Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra e a Mission Archéologique Française que, desde 1964, tem trabalhado em Conimbriga, começaram, em Agosto de 1979, escavações na *villa* romana de S. Cucufate. O relatório das escavações de Conimbriga ficou concluído com a publicação, no corrente ano (1979), do sétimo e último volume, consagrado a *Trouvailles Diverses. Conclusions Générales*. A equipe luso-francesa, dirigida pelos Professores Jorge de Alarcão e Robert Étienne, e pela investigadora do C. N. R. S. Françoise Mayet, decidiu recomençar escavações num outro ambiente geográfico (Alentejo) e num outro tipo de estação (*villa*). Conimbriga, nos próximos anos, ficará reservada a campos de treino para os alunos da Faculdade de Letras de Coimbra.

A primeira campanha de escavações em S. Cucufate, que decorreu de 20 de Agosto a 14 de Setembro, teve por objectivo principal a limpeza das ruínas, onde eram muitas as terras acumuladas e nunca evacuadas das escavações ali levadas a efeito pelo Prof. D. Fernando de

Almeida e a realização de sondagens que permitissem calcular a área das ruínas e determinar as fases e datas da ocupação. A campanha conduziu ao reconhecimento de que o edifício subsistente data do século IV mas foi edificado sobre um outro que possivelmente, se ergueu no século IV, mas foi edificado sobre um outro que, possivelmente, se ergueu no século I. O corpo central da *villa*, ocupado por um mosteiro de beneditinos na Idade Média, está excepcionalmente bem conservado; mas a *villa* é muito mais extensa do que inicialmente aparentava. Os trabalhos agrícolas e a abertura de um caminho destruíram uma boa parte dela, mantendo-se todavia a esperança de vir a encontrar suficientes muros e pavimentos que permitam a reconstituição integral da planta. Os jardins da *villa* foram completamente destruídos pela erosão, mas localizou-se um tanque que formava, diante da fachada, um refrescante espelho de água. Provou-se também a ligação, talvez por meio de uma galeria porticada, entre a *villa* e um templo, igualmente bem conservado, que aparentava erguer-se isolado.

As escavações irão continuar por um período que, à partida, se prevê de cinco anos, com pelo menos uma campanha anual de um mês. O prosseguimento dos trabalhos está todavia condicionado pela aquisição de terrenos que se mantêm na posse de particulares.

As escavações foram subsidiadas pelo Governo Francês, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção-Geral do Património Cultural, bem como pela Câmara Municipal da Vidigueira, cujo auxílio foi precioso.

2. *ESCAVAÇÕES EM GRUTAS DO VALE ROTO* (*Columbeira, Concelho do Bombarral*)

Sob a direcção do Doutor Jean Roche, do CNRS, e de Vítor Oliveira Jorge, da Faculdade de Letras do Porto, decorreu em Abril de 1979 mais uma campanha de trabalhos arqueológicos nas grutas do Vale Roto, no Concelho do Bombarral. Colaboraram nos trabalhos, que foram subsidiados pelo Fundo de Fomento Cultural, da S. E. C., além de diversos arqueólogos, elementos do «Grupo para o Estudo do Paleolítico Português» (GEPP) e do «Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto»

(GEAP); deram também a sua colaboração a Câmara Municipal do Bombarral e o respectivo Museu. Durante as escavações foi realizado um filme pelo Instituto de Tecnologia Educativa.

As escavações consistiram fundamentalmente na continuação do estudo da Lapa do Suão I, encetado em 1973 por Jean Roche; essa gruta tem revelado diversos níveis *in situ* atribuíveis ao Paleolítico Superior e Epipaleolítico, podendo também conter camadas datáveis do Paleolítico Médio. Ao mesmo tempo, foram encetadas escavações na Lapa do Suão II (uma gruta existente nos arredores da primeira, e também na vertente oeste do Vale Roto) com o fim de conhecer a natureza do respectivo enchimento e de sondar a possibilidade de conter níveis do Paleolítico. Além disso, e no sentido de preparar novas áreas de intervenção futura, foi desbloqueada a entrada da Gruta da Figueira, na Serra da Roupá (Columbeira, a norte do Vale Roto), e levantados a respectiva planta e cortes. Aí deverão também incidir escavações a realizar numa próxima campanha, bem como no exterior da Gruta do Caixão, junto à Gruta Nova da Columbeira, no Vale Roto.

Os resultados dos trabalhos na Lapa do Suão I serão apresentados por Jean Roche ao IV Congresso Nacional de Arqueologia (Faro, Março de 1980).

3. ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM CHÃ DO CASTRO (AMARES, BRAGA)

A estação arqueológica da Chã do Castro situa-se no distrito de Braga, concelho de Amares, freguesia da Portela. Trata-se de um povoado habitado, provavelmente, desde a Pré-história recente até à época romana *inclusive*, sumariamente conhecido e referenciado desde há cerca de 20 anos. Em 1978 e 1979 foram realizadas duas curtas campanhas de escavações dirigidas pelos signatários (subsidiadas, no primeiro ano, pela Assembleia Distrital de Braga, e no segundo ano pelo Fundo de Fomento Cultural da S. E. C. e pela Câmara Municipal de Amares), nas quais colaboraram diversos estudantes universitários e arqueólogos.

O povoado integra-se no conjunto de estações que forneceram cerâmicas do «tipo Penha», localizando-se no cimo de uma elevação de altitude média (321 m.), onde são visíveis, perto do seu topo, várias linhas de «aterros», situados a diferentes cotas, que a contornam. O sector principal de escavação situou-se perpendicularmente a um desses «aterros», tendo sido descoberto no seu interior, um muro e terra saibrosa depositada. De momento, não é possível indicar com precisão o período cronológico a que pertencem as referidas estruturas, ainda que a descoberta de cerâmica de feição «castreja», apenas na área adentro do muro, possa sugerir uma eventual relação desta cerâmica com aquele.

No topo do povoado, numa zona aplanada situada para o interior do muro, foram detectadas possíveis estruturas ovais escavadas na rocha granítica alterada, cujo significado e relação estratigráfica com as outras estruturas, anteriormente mencionadas, não é possível de momento compreender na sua globalidade.

A escavação revelou ainda a existência de instrumentos de pedra lascada, de tradição antiga, possivelmente articuláveis com a cerâmica de «tipo Penha», cuja análise poderá fornecer úteis elementos sobre a economia das populações que fabricaram aquela cerâmica.

Finalmente, encontra-se em curso a análise tipológica da cerâmica de Chã do Castro, denominada «de tipo Penha», em ordem à criação de um quadro tipológico alargado que integre a diversidade das suas formas e motivos decorativos, no contexto das cerâmicas do mesmo grupo do N. de Portugal, no qual poderão vir a isolar-se diferentes fácies.

Susana Oliveira Jorge e J. J. Rigaud de Sousa

4. SONDAGENS ARQUEOLÓGICAS NA ÁREA DO ALTO DA CALDEIRA (CONCELHO DE BAIÃO)

Em 1978, durante as escavações da sepultura aberta no saibro do Tapado da Caldeira (v. «Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, n.º 34»), a signatária detectou abundantes cerâmicas no local pró-

ximo do Alto da Caldeira, que pareciam corresponder a um importante habitat. Foi na sequência desses trabalhos que se decidiu realizar uma campanha de escavações em Setembro de 1979, dirigidas pela signatária e colaboradas por uma equipa de estudantes universitários e de arqueólogos, com o apoio do Fundo de Fomento Cultural da S.E.C. e da Câmara Municipal de Baião.

As escavações começaram por praticar um conjunto de sondagens no topo e na encosta NE do Alto da Caldeira, as quais revelaram abundantes fragmentos cerâmicos provenientes de uma única camada, de época ou épocas por enquanto difíceis de determinar.

Em seguida, foram abertos dois novos sectores de escavação, um na zona em que se encontra a Sepultura do Tapado da Caldeira escavada em 1978, outro a algumas dezenas de metros a NE do anterior. No primeiro desses sectores foi detectada uma nova sepultura aberta no saibro, sub-rectangular e do mesmo tipo da referida, contendo um único vaso, intacto, decorado com mamilos e cordões simples e asa de inserção vertical (I. do Bronze Final?). Nas terras que cobriam a área das sepulturas, descobriram-se diversos materiais, cerâmicas e líticos, entre os quais fragmentos de vasos campaniformes. No segundo sector detectou-se um possível nível de habitat *in situ*, com buracos de postes abertos numa terra acastanhada, compacta, e preenchidos por areão, acompanhados por um abundante material cerâmico e lítico.

Estas descobertas, raras, se não mesmo, em certos aspectos, únicas no Norte de Portugal, mostram a extraordinária importância do conjunto de jazidas arqueológicas existentes na área do Alto da Caldeira, e aconselham a continuação das escavações, se possível em maior escala, em próximas campanhas.

5. *ESCAVAÇÕES DAS MAMOAS 2 E 3 DE OUTEIRO DE GREGOS (SERRA DA ABOBOREIRA, BAIÃO)*

As mamoadas 2 e 3 do Outeiro de Gregos localizam-se num pequeno *plateau* da Serra da Aboboreira com cerca de 930 m. de altitude absoluta, atravessado pelo estradão que, vindo da sede do Concelho de Baião, se dirige à

capela da Sr.^a da Guia e ao dólmen de Chã de Parada. Foram escavadas no decurso de uma campanha que durou de 1 de Julho a 30 de Setembro de 1979 por uma equipa dirigida por Vítor Oliveira Jorge, da Faculdade de Letras do Porto, composta fundamentalmente por estudantes universitários, tendo também colaborado na mesma estudantes e arqueólogos da Galiza. Os trabalhos contaram com o apoio da Câmara Municipal de Baião e do Fundo de Fomento Cultural da S. E. C.

As duas mamoaas escavadas são dois monumentos aproximadamente circulares (com cerca de 10 e 11 m. de diâmetro, antes da escavação) contendo dólmens simples de câmara poligonal, de pequenas dimensões, dólmens esses já sem tampa e bastante arruinados por diversos factores, entre os quais violações claramente atestadas na estratigrafia. Tal como na Mamoa 3 de Outeiro de Ante (v. trabalho sobre o assunto, neste vol.), verificou-se a existência de uma coroa circular periférica de contenção das terras que constituíam a base dos monumentos. As câmaras apresentavam um contraforte disposto em torno da base dos esteios. As mamoaas assentavam sobre um nível de terra de cor negra, provavelmente um solo «fóssil» anterior à respectiva construção. O espólio, escasso, e todo oriundo dos *tumuli*, consistiu fundamentalmente em fragmentos cerâmicos pouco característicos, e em dois machados polidos e dois elementos móveis de moinhos manuais (estes elementos líticos surgiram na Mamoa 3). Colaborou nos trabalhos uma equipa de pedologistas do Instituto Superior de Agronomia, de Lisboa, cujos estudos levaram à descoberta acidental de uma nova fossa aberta no saibro, na periferia da Mamoa n.º 3.

Os resultados dos trabalhos serão apresentados ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, a realizar em Faro em Março próximo.

6. CASTRO DA CARCODA — S. PEDRO DO SUL

Promovido pelo Centro Juvenil de Arqueologia e Etnografia de Viseu, sob a orientação do Rev.º Cônego Celso Tavares e com a participação de jovens de vários

pontos do país e estrangeiro, foi organizado um campo de trabalhos arqueológicos, que teve como principal objectivo o estudo do Castro de Cárcoda, em Carvalhães — S. Pedro do Sul.

Decorreu de 15 de Agosto a 10 de Setembro e foi apoiado pelo FAOJ, delegação de Viseu.

O conjunto de elementos estruturais que foram detectados e bem assim o espólio recolhido, evidenciaram a existência de uma organização urbana primitiva, que foi considerada de muita utilidade para a compreensão da problemática das Citânias, e nomeadamente para a confirmação de uma cultura castreja bem definida na Beira Alta.

De registar a colaboração oferecida pela Câmara Municipal, participando com a abertura de uma estrada para o local do castro.

7. ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA SERRA DA ABOBÓREIRA (CONCELHO DE AMARANTE)

Mamoá n.º 1 da Abogalheira (Lameiro do Espinheiro)

Subsidiada pelo Fundo de Fomento Cultural (S. E. C.), e com o apoio das Câmaras Municipais de Amarante e Baião, decorreu durante todo o mês de Agosto do corrente ano, prolongando-se por mais algumas semanas, a 1.ª primeira campanha de escavações arqueológicas na mamoá n.º 1 da Abogalheira (Serra da Aboboreira), levada a efeito pelo Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP), sob a direcção de Ana Leite da Cunha e Eduardo Jorge Lopes da Silva. Deram a sua colaboração elementos daquele Grupo, bem como estudantes universitários e liceais de diversas regiões do país.

O monumento estudado apresenta, na sua estrutura de revestimento, características pouco comuns, pelo que se revela de grande interesse o seu estudo.

Refira-se a participação nos trabalhos de especialistas em pedologia, bem como a integração desta escavação num plano conjunto que abrange outros três monumentos megalíticos da mesma região, particularidade digna de realce pelas correlações que, por certo, permitirá estabelecer.

8. *ESCAVAÇÕES NA JAZIDA DE VILA PRAIA DE ÂNCORA (NORTE)*

Durante o passado mês de Agosto, decorreram no concelho de Caminha, na estação arqueológica de Vila Praia de Âncora (Norte), escavações subsidiadas pelo Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (F. A. O. J.) e pela Junta de Turismo de Vila Praia de Âncora.

Estas escavações foram realizadas pelo Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP), sob a direcção de José Luiz Meireles Batista, tendo nelas participado elementos do referido Grupo, bem como estudantes de diversos graus de ensino.

Esta estação, descoberta em 1925 por Rui de Serpa Pinto, vem sendo alvo, desde então, de sucessivos estudos superficiais. O cariz desses estudos, bem como as contínuas destruições provocadas, quer pelos agentes naturais quer pela acção humana, vieram acentuar a premência, de um estudo sistemático desta importante jazida.

Tradicionalmente atribuída ao «Asturiense», a estação de Vila Praia de Âncora (Norte) revelou a existência de três níveis arqueológicos, dos quais um, provavelmente pré-wurmiano.

9. *CAMPO ARQUEOLÓGICO DE CASTRO LABOREIRO*

Com autorização da Secretaria de Estado da Cultura, o apoio do Fundo de Fomento Cultural, da Assembleia Distrital de Viana do Castelo, do Parque Nacional da Peneda-Gerês e da Câmara Municipal de Melgaço, a ajuda do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis e da Portucel, e sob orientação do Arquitecto Roberto Leão, um grupo de 24 pessoas de vários pontos do país, entre os quais se destacam elementos do GAAV — Grupo Amador de Arqueologia de Viana do Castelo, e da ASPA — Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural, teve lugar de 2 a 31 de Agosto mais uma campanha arqueológica dentro do castelo de Castro Laboreiro.

Em continuação das já realizadas desde 1974, consistiu na escavação sistemática das zonas 31 e 32 respecti-

vamente no 1.º e 2.º núcleos daquele castelo, levantamento topográfico da barbacã da Porta do Sapo e prospecção electromagnética do interior do mesmo. Proce-deu-se também ao levantamento topográfico das ruínas existentes a Sul do castelo, no sítio denominado Cava da Velha e possível posto avançado do castelo. O grupo de trabalho acompanhou e esclareceu visitantes, prestando as informações necessárias para um melhor entendimento da constituição do castelo através da análise das suas estruturas e mostrando algumas das peças recolhidas, e chamando a atenção ainda para outros valores paleoantropológicos e paisagísticos da área do Parque Nacional da Peneda — Gerês. Paralelamente, procedeu-se a observações meteorológicas tendo como objectivo um contributo para o conhecimento das variações do clima local. O alcan-tilado monte onde está implantado o castelo e o seu difícil acesso originaram a imp antação do acampamento para os 24 participantes no interior do monumento e a 1.037 metros de altitude.

As escavações realizadas na zona 31, permitiram a descoberta pela primeira vez de uma estatigrafia definindo os diferentes patamares de utilização e bem assim as várias fases de destruição. Foi assim possível identi-ficar na zona de quarteis a provável oficina de serralheiro-fundidor-ferreiro, perceptível no estrato arqueológico composto por terras ferruginosas, argilosas e calcárias e indiciada pelo espólio recolhido, e bem assim determinar o tipo de cobertura e materiais utilizados.

As escavações realizadas na zona 32 e apresentando também alguma estatigrafia de interesse, incidiram na base Nascente da rampa da Porta do Sol, tiveram como objectivo determinar um acesso ao 1.º núcleo do castelo e anterior ao princípio do séc. XIV não tendo os trabalhos sido completados este ano por motivos de ordem técnica uma vez terem sido descobertas estruturas dos princípios do Séc. XIX sobrepostas a derrubes provenientes do des-guarnecimento do castelo do séc. XVIII.

O numeroso espólio recolhido mais em quantidade que em qualidade, permitindo documentar coberturas humanas neolíticas-calcolíticas, castrejas, romanas, medievais e modernas, é composto por quartzitos, sílex, cerâmicas, moedas, balas, armas e utensílios de trabalho, apresentando-se contudo e infelizmente por vezes bastante fragmentado.

10. *ESCAVAÇÕES NA ESTAÇÃO PALEOLÍTICA DE VILAS RUIVAS (Campanha do Verão de 1979)*

Na continuação dos trabalhos arqueológicos conduzidos já há alguns anos nos terraços quaternários de Vila Velha de Ródão (Vale do Rio Tejo) o GEPP Grupo para o Estudo do Paleolítico Português identificou a importante estação paleolítica de Vilas Ruivas, na qual realizou no Verão de 1979 (15/8/79 a 15/9/79) uma segunda campanha de escavações.

Depois de no ano anterior se ter iniciado a escavação dum primeiro horizonte arqueológico que se viria a revelar como um solo de ocupação humana atribuível, através da indústria lítica recolhida, ao Paleolítico Médio, a continuação da «decapagem» na última escavação, viria pôr esse solo a descoberto numa área de 35 m², revelando a existência de importantes estruturas de «habitat».

Os vestígios materiais dessas estruturas definem no solo dois arcos correspondendo certamente a duas estruturas de protecção, englobando trêslareiras. Trata-se no conjunto de parte dum acampamento duma comunidade de caçadores-recolectores do Paleolítico Médio, cujas lareiras apresentam, como particularidade importante, um preenchimento de pequenos seixos, com funções de «acumulação térmica» facto que era até hoje desconhecido antes do Paleolítico Superior.

A resposta a muitas questões que se levantam, como uma cronologia mais precisa, conhecimento e compreensão total das estruturas descobertas ou a descobrir e correlação com um 2.º nível arqueológico já detectado sob o actual acampamento, dependem da continuação dos trabalhos tanto de gabinete como de campo.

MESA REDONDA SOBRE «CONTRIBUTOS DAS CIÊNCIAS NATURAIS E EXACTAS À PRÉ-HISTÓRIA E À ARQUEOLOGIA» — PORTO

Universidade do Porto, 17 de Novembro de 1979

A Universidade do Porto levou a efeito, no passado dia 17 de Novembro, uma mesa-redonda consagrada aos «Contributos das Ciências Naturais e Exactas à Pré-história e à Arqueologia.» Esta reunião, efectuada sob os auspícios dos Conselhos Directivos da Faculdade de Letras e do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências, foi coordenada pelo pré-historiador francês *Doutor Jean Roche*, Maître de Recherche Honoraire do C. N. R. S. (Paris), e organizada por uma comissão constituída pelo Dr. António Huet Bacelar Gonçalves, do Instituto de Antropologia, e dos Drs. Susana Oliveira Jorge e Víctor Oliveira Jorge, da Faculdade de Letras. O encontro, que procurou congregar tanto arqueólogos como cientistas dos mais diversos ramos de investigação, interessados numa colaboração com a Arqueologia, visou uma aproximação em termos interdisciplinares que fosse útil para todas as ciências envolvidas e que definisse as principais linhas de pesquisa a seguir mutuamente.

A sessão da manhã, realizada na Faculdade de Letras, abriu com palavras de saudação do Dr. Jean Roche aos participantes, e com uma breve exposição de conjunto sobre as principais carências que a arqueologia portuguesa sente neste momento, no que toca à colaboração de outras ciências, da responsabilidade do Dr. Vítor O. Jorge. Falou em seguida o Eng.º *Peixoto Cabral*, do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, sobre a análise química de artefactos arqueológicos, nomeadamente o método de análise por activação com neutrões, e o tratamento dos resultados pela taxonomia numérica.

Falaram ainda, durante a manhã, o *Eng.º Ferreira da Silva*, do Laboratório de Física da Faculdade de Ciências do Porto, que se referiu aos métodos prospectivos (de natureza magnetométrica e eléctrica) e ao novo microscópio electrónico de varrimento adquirido pela Universidade do Porto, que poderá ser utilizado na análise de materiais arqueológicos. Finalmente, o *Dr. João Tamames*, do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, do Porto, falou sobre os métodos de classificação automática utilizados no LACA (Laboratório de Cálculo Automático da U. P.).

A sessão da tarde, que teve lugar na Faculdade de Ciências, iniciou-se com uma exposição do *Prof. Gaspar de Carvalho*, da área de Ciências da Terra da Universidade do Minho, sobre trabalhos por si realizados em geologia do Quaternário, e sobre as futuras possibilidades do laboratório de sedimentologia da U. M., que pôs à disposição dos arqueólogos. Seguiam-se-lhe, uma intervenção do *Cónego Dr. Celso Tavares da Silva*, do Museu do Seminário Maior de Viseu, sobre problemas de datação de gravuras rupestres, por possíveis métodos geofísicos ou geoquímicos; uma comunicação do *Dr. Francisco Alves*, da Unidade Arqueológica da Universidade do Minho, sobre métodos de prospecção electromagnética aplicados em Braga por uma equipa francesa, em colaboração com a UAUM; uma intervenção do *Dr. Francisco Sande Lemos*, também da UAUM, sobre as carências existentes em Portugal no domínio do estudo do Quaternário; uma outra do *Dr. Manuel João Abrunhosa*, do Porto, sobre os anfíbolitos da Foz do Douro, e a metodologia utilizada no seu estudo; e, finalmente, uma comunicação do *Dr. António Huet B. Gonçalves*, sobre a petrografia de machados polidos e a análise radiométrica de contas verdes de adorno, pré-históricas e romanas.

Todas as intervenções citadas foram seguidas de debate. No final, o Dr. Jean Roche sintetizou a importância da reunião, mostrando ser este tipo de iniciativas a via correcta para a permanente actualização da arqueologia portuguesa, e desejando que ela seja seguida de outras do mesmo tipo, organizadas em moldes mais amplos.

Os participantes nesta mesa-redonda — a primeira do seu género realizada no nosso país — manifestaram a necessidade da criação urgente em Portugal de certas

infra-estruturas técnicas imprescindíveis à prática actual da arqueologia, como sejam um *laboratório de palinologia* e um outro de *datações pelo Carbono 14*, bem como a necessidade da aplicação corrente dos métodos eléctricos e electromagnéticos de prospecção, para os quais os arqueólogos deverão dispor dos equipamentos convenientes.

A Sociedade Martins Sarmento foi convidada a fazer-se representar nesta mesa redonda.

1.^{as} JORNADAS ARQUEOLÓGICAS DE CASTELO BRANCO

A CASA DA CULTURA DA JUVENTUDE DE CASTELO BRANCO em colaboração com o FAOJ daquela cidade, promoveram de 28 de Abril a 1 de Maio do ano corrente, um encontro de pessoas interessadas na apresentação de dados recentes ou não, do âmbito da cultura da Pré e Proto-História ou da História, que dissessem aquele distrito.

Afirmou-se que estas JORNADAS surgiam na sequência das actividades que vinham sendo concretizadas pelos grupos locais de protecção do património cultural da região.

O programa constou de sessões científicas, debates, comunicações, visitas de estudo a locais de valor histórico, incluindo a Ponte Romana de Alcântara, em território espanhol.

Obedeceu à seguinte temática:

- *PRÉ-HISTÓRIA* — «Conceitos gerais referentes ao complexo de gravuras rupestres do Vale do Tejo» — sob a orientação do Dr. António Martinho do Carmo Baptista;
- *PERÍODO ROMANO* — «Subsídios para o estudo da influência romana na Beira Baixa» — sob a orientação do Dr. João Henriques Ribeiro;
- *PERÍODO MEDIEVAL* — «A problemática dos vestígios medievais de Castelo Branco» — sob a orientação do Major António Lopes Pires Nunes,

COMUNICAÇÕES:

- *A Igreja de S. Miguel Arcanjo — de Castelo Branco — Cônego Anacleto Pires.*
- *A antiga Vila de Sortelha — Museu de Portugal — Dr. Vítor Manuel Leal Pereira Neves.*
- *A Defesa do Património da cidade de Castelo Branco — Posições a tomar — Pedro Salvado.*
- *O povoamento pré-romano no Distrito de Castelo Branco — Sugestões para o seu estudo — Dr. Manuel Farinha dos Santos.*
- *Alguns materiais Paleolíticos do Sul do Distrito — José António Henriques de Oliveira.*
- *Arqueologia e Turismo da Beira Baixa — Dr. Mário Pires Bento.*
- *Necessidade urgente de defender o Património Cultural — Pe. João Pires Campos.*
- *Elementos para o estudo da romanização da região do Fundão — Dr. João Luís da Inês Vaz.*
- *Arqueologia das freguesias de Monfortinho, Monsanto e Penha Garcia — Pe. João Pires Campos.*
- *Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho da Covilhã — período Lusitano-Romano — Dr. António Manuel Rodrigues de Moraes.*
- *Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho da Covilhã — Período romano — Luís Plácido M. Garcia e Carlos Alberto F. Santos Marques.*
- *Estação romana da Fonte de Santiago (Rosmaninhal) — Mário Lobato Chambino.*
- *Notícia sobre a estação romana da Fonte da Bica (Mata) — Joaquim Batista dos Santos.*
- *Numismas romanos da estação arqueológica do Triângulo — João Manuel Correia Barata.*
- *A propósito das inscrições de Sarzedas e da Sertã — Dr. José D'Encarnação e Manuel Leitão.*
- *Materiais recolhidos pelo G. E. P. A. R. — João Carlos Mota Ribeiro.*

CONCLUSÕES E VOTOS

Os participantes nas I.^{as} *Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa*, reunidos nos dias 28 a 30 de Abril e 1 de Maio de 1979, ao encerrarem os seus trabalhos, tornaram públicas as suas conclusões e os seus votos.

1 — O dinamismo e clarividência demonstrados pela Casa de Cultura e FAOJ de Castelo Branco, bem como pelos seus colaboradores e organizadores destas Jornadas, foram motivo para que os participantes deixassem bem expresso um sincero voto de louvor e manifesto incentivo de continuação nos trabalhos muito válidos, como o que acaba de ser realizado.

2 — Da investigação de e e mentos para os trabalhos teóricos práticos dos participantes, deparou-se com uma grande ausência bibliográfica, referente a obras que se debruçassem sobre a Beira Baixa.

Como legítima forma de homenagem a todos aqueles que, no passado, estudaram a Arqueologia do Distrito, sejam reeditadas as suas obras, hoje raras e de difícil acesso, e os trabalhos inéditos de Tavares Proença Júnior.

3 — O contributo dos grupos juvenis de Arqueologia, como continuadores duma obra de investigação e de um futuro promissor, merecem a atenção das autoridades arqueológicas, autarquias locais e organismos regionais, concedendo-lhes todo o apoio técnico e material que necessitam.

4 — A defesa, estudo e conservação do Património Cultural e natural do Distrito de Castelo Branco, deve ser a preocupação primordial dos responsáveis pelo turismo, pelouros da Cultura e organizações interessadas.

Seria da máxima importância a existência de um serviço nacional de Arqueologia, com objectivos definidos e meios técnicos e materiais de apoio a órgãos locais, quer ainda como forma determinante de solucionar a entrega de responsabilidades a indivíduos ou instituições no campo da exploração e defesa dos monumentos ou estações arqueológicas locais.

5.º — O potencial arqueológico do Distrito é, por si, já muito grande.

A criação dum Museu de Arqueologia, perfeitamente definido neste âmbito, é uma necessidade premente. A sua localização deverá merecer um estudo por parte das autoridades competentes, tendo em conta a maior abundância de estações, recolha de materiais e perspectivas futuras de desenvolvimento arqueológico.

6 — A Barragem do Meimão poderá destruir um património irrecuperável. O levantamento arqueológico da zona a submergir deverá ser uma tarefa urgente. Do mesmo modo, um plano de salvação de Sortelha deveria ser posto em execução.

7 — As próximas *Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa*. Devem voltar a sua atenção para o estudo dos Concelhos de Oleiros, Sertã, Vila de Rei e Proença-a-Nova.

A Casa de Cultura deve encarregar-se, desde já, de promover o estudo em referência, através de todos os meios ao seu alcance.

A SOCIEDADE MARTINS SARMENTO foi convidada a participar, mas infelizmente não lhe foi possível enviar uma representação.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE AGUARELAS DO PINTOR JORGE MALTIEIRA

Esteve patente ao público, a partir do dia 21 de Dezembro, no Salão de Exposições temporárias da Sociedade Martins Sarmento uma Exposição notável de aguarelas do *Pintor Jorge Maltieira*, artista bem conhecido do meio vimaranense onde viveu largos anos da sua vida e que prossegue a sua arte admirável por terras de Brasil.

Por especial deferência de sua família e com o seu assentimento, tivemos a oportunidade única de apreciar um conjunto extraordinário e inédito de aguarelas que o artista deixou na Casa dos Laranjais.

Alfredo Guimarães, o saudoso criador do nosso Museu Alberto Sampaio, no prefácio de um Catálogo da Exposição de Aguarelas de Jorge Maltieira, realizada em Novembro de 1943, afirmava: *«Na ausência de Gameiro, na velhice doirada e tranquila de Alberto Sousa, eis em Maltieira a fecunda certeza da aguarela nacional, pelo que a sua arte expressa de dedicação às regiões nacionais, e a frescura e elegância com que incomparavelmente as interpreta e consagra»*.

Afastado há longos anos da nossa terra e desprezando a publicidade deixou contudo bem marcada entre nós a sua iniludível presença no conjunto de obras que pudemos admirar na Sociedade Martins Sarmento.

Certa imprensa, reconhecendo nele uma originalíssima maneira de pintar e desenhar, apelidou-o de *pintor da suavidade*. E de facto em todos os seus trabalhos há uma nota de suave delicadeza que não prejudica a alegria da sua luz tão delicada naqueles brancos de luminosa e inexcedível transparência, na vivacidade e complexidade do seu descritivo, espalhando ao todo um traço marcante da sua inconfundível personalidade.

Afirma-se, sem lugar a contestação que o seu pincel de aguarelista dificilmente tem quem o supere, não só quanto ao domínio dos tons, como à facilidade de trabalhar superfícies e volumes de grande movimento, como são os da arte barroca.



Pintor Jorge Maltieira

A inauguração da Exposição fez-se pelas 18 horas, com a presença das individualidades convidadas e muitos sócios.

Na oportunidade o Presidente da Direcção pronunciou algumas palavras de abertura de mais este acontecimento da vida cultural da Instituição e da cidade, tendo afirmado além do mais que, um pouco mais tarde, muito provavelmente se realizará nova Exposição deste Artista, com a apresentação de outras manifestações plásticas

nomeadamente esboços a lápis e cerâmica, absolutamente desconhecidos do público.

A Exposição que se prolongou até 15 de Janeiro seguinte, foi muito apreciada, tendo os 31 trabalhos incluídos no catálogo e alguns extra catálogos merecido os maiores encômios.

Segue-se a relação das obras expostas, que são todas da propriedade da família Moura Machado a quem é devido um agradecimento muito sincero.

CATÁLOGO

- 1 — *Antiga Câmara — Guimarães*
- 2 — *Padrão — Matosinhos*
- 3 — *Claustro — Vila Viçosa*
- 4 — *Capela dos Coimbras — Braga*
- 5 — *Rua Nova — Évora*
- 6 — *São Gonçalo — Amarante*
- 7 — *Arcos da Antiga Câmara — Guimarães*
- 8 — *Cheia — Ribatejo*
- 9 — *Notre Dame — Paris*
- 10 — *Matriz — Vila Nova de Fozcôa*
- 11 — *Santa Clara Velha — Coimbra*
- 12 — *Igreja — Arcos de Vale de Vez*
- 13 — *Agulhas Negras — Brasil*
- 14 — *Túmulo de D. Sancho I — Coimbra*
- 15 — *Porta de N.^a S.^a da Oliveira — Guimarães*
- 16 — *Padrão do Salado — Guimarães*
- 17 — *Natureza Morta*
- 18 — *Sé Velha — Coimbra*
- 19 — *Claustro do Mosteiro — Amarante*
- 20 — *Igreja do Mosteiro — Alcobaça*
- 21 — *Paisagem — França*
- 22 — *Índia — Mato Grosso (Brasil)*
- 23 — *Fim de Tarde — Bragança*
- 24 — *Leblon — Rio de Janeiro (Brasil)*
- 25 — *Forte da Nazaré — Pernambuco (Brasil)*
- 27 — *Pedra da Gávea (Brasil)*
- 28 — *Porta de Santo António — Bragança*
- 29 — *Rua Moura — Castelo de Vide*
- 30 — *Capela de S. Miguel — Bahia (Brasil)*
- 31 — *Boiada ao longe — Minas Gerais (Brasil)*



Aspecto de uma das Exposições

2.^a EXPOSIÇÃO DE CANARICULTURA DO CONCELHO DE GUIMARÃES

Constituiu-se recentemente em Guimarães, uma interessante Associação denominada SOCIEDADE ORNITOLOGIA DE GUIMARÃES, a qual desde a primeira hora tem despertado o maior entusiasmo entre as pessoas que se vêm dedicando à criação e estudo das variadíssimas espécies de aves, nomeadamente as de estimação e canoras, passatempo muito curioso e instrutivo, que tem aspectos culturais evidentes e está ao alcance de toda a gente.

A Sociedade Martins Sarmento, desde a sua fundação tem procurado acarinhar dentro do possível a nova Instituição, proporcionando-lhe o incentivo que ela indubitavelmente merece.

Assim se estabeleceu e se tem mantido uma colaboração muito estreita, que da parte da nossa Instituição se tem traduzido no seguinte: primeiro a cedência a título gratuito e com carácter provisório, de uma das salas da Casa de Sarmento para a instalação da sede social e depois a cedência dos nossos salões de Exposições temporárias para a realização de Exposições.

A segunda destas Exposições, dedicadas à canaricultura, realizou-se em 8 e 9 de Dezembro, com o maior êxito e grande afluência de visitantes.

Estiveram representados alguns dos mais aficionados coleccionadores e criadores de canários, tendo sido possível admirar-se a variada gama de espécies apresentadas, algumas das quais de grande valor e rara beleza.

RESUMO

1. A Festa do 9 de Março — Homenagem a Martins Sarmento	333
2. Movimento para a defesa e valorização do património cultural de Guimarães	342
3. VI Congresso de Estudos Estremenos — Espanha . .	357
4. Exposições Itinerantes de Documentação Fotográfica da Fundação Gulbenkian	359
5. Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular .	366
6. Congresso Histórico sobre Guimarães e a sua Colegiada	383
7. Exposição Retrospectiva do pintor Vimaranesense — José de Guimarães — 10 anos de Pintura (1968-1978). . .	396
8. Exposição do pintor Vimaranesense Isabelino	398
9. I Encontro de Numismatas	399
10. Colóquio da Associação Portuguesa de Museologia — Lisboa	407
11. Acontecimentos Arqueológicos Nacionais — Campanhas de Escavação	411
12. Mesa Redonda sobre «Contributos das Ciências Naturais e Exactas à Pré-História e à Arqueologia — Porto. .	421
13. Primeiras Jornadas Arqueológicas de Castelo Branco .	424
14. Exposição Retrospectiva de Aguarelas do Pintor Jorge Maltieira	428
15. 2.º Exposição de Canaricultura do Concelho de Guimarães	431